**Frédéric Vandenberghe**

**Memorial Circunstanciado**

Rio de Janeiro, junho de 2017

**Extrato do Lattes**

É produtivo, mas não produtivista. Possui Graduação em Ciências Sociais e Políticas (RU Gent, Belgíca, 1988), Mestrado em Sociologia (Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales, Paris, 1989) e Doutorado em Sociologia (Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales, Paris, 1994). Ensinou em várias Universidades estrangeiras (UCLA, Manchester University, European University Institute, Brunel University London, Yale University e Université Catholique de Louvain-la-Neuve) e brasileiras (UNB, UFPE, IUPERJ). Atualmente é professor e pesquisador do Instituto de Estudos Sociais e Políticos (IESP, o sucessor do IUPERJ) na UERJ. Coordenador do Núcleo de Pesquisa Sociofilo e diretor da Biblioteca do Sociofilo na Annablume.

Trabalha com Teoria Social, Teoria Sociológica e Filosofia das Ciências Sociais. Atua principalmente nos seguintes temas: realismo critico, hermenêutica e fenomenologia; globalização, microssociologia e teoria da ação; dádiva, intersubjetividade e sociologia existencial.

Membro do conselho de *Sociological Theory*, *European Journal of Social Theory*, *Revue du MAUSS* e *Revue Canadienne de Sociologie*. Membro da International Association for Critical Realism (IACR, Londres), do Center for Cultural Sociology (CCS, Yale University), do Mouvement Anti-Utilitariste en Sciences Sociales (MAUSS, Paris) e do Kosmopolis Institute (Utrecht, Holanda).

Publicações mais importantes : *Une histoire critique de la sociologie allemande*, 2 vols. Paris : La découverte, 1997-98 (traduzido em inglês, turco e português) – *La sociologie de Georg Simmel,* Paris: La Découverte, Collection Repères,2001 (traduzido em português) – *Complexités du posthumanisme. Trois essais dialectiques sur la sociologie de Bruno Latour*. Paris: L´Harmattan, 2006 – *Teoria social realista. Um diálogo franco-britânico.* Belo Horizonte: UFMG – *What´s Critical about Critical Realism. Essays in Reconstructive Social Theory*. London: Routledge, 2014 – Com Alain Caillé: *Pour une nouvelle sociologie classique*. Lormont : Le bord de l´eau, 2016.

**Sumario**

**I. Uma vida: A trajetória acadêmica e as suas estações**

**Primeiro preâmbulo**

**T1 (1988-1994): Formação Acadêmica**

**Estações: Gent- Paris –Cambridge – Frankfurt am Main- Los Angeles – Paris**

**T2 (1994-2001): Atuação profissional internacional**

**Estações: Manchester, Florença, Utrecht, Londres, Montreal**

T3 (2001-2006): Atuação profissional intercontiental

Estações: Índia-Holanda-Brasil-Estados Unidos

**Estações: Gent- Paris –Cambridge – Frankfurt am Main- Los Angeles – Paris**

**T4 (2006-2017): Rio de Janeiro**

**Estação: IUPERJ – IESP-UERJ**

**II. A sociologia como forma de vida**

**Segundo Preâmbulo**

**Ensinar**

**Orientar**

**Pesquisar**

**Publicar**

**Palestrar**

**Organizar**

**III. Linhas e projetos de pesquisa:**

**Terceiro preâmbulo**

**Primeira Linha de pesquisa: Metateoria. Os fundamentos filosóficos da teoria crítica**

**Projeto de pesquisa: O realismo crítico/metacrítico**

**Projeto de pesquisa: Hermenêutica das profundezas**

**Segunda linha: Teoria social. As novas correntes na teoria social**

**Projeto de pesquisa: A sociologia relacional**

**Terceira linha: Teoria Sociológica. Por uma sociologia neoclássica**

**Quarta linha: A sociologia como filosofia pratica**

**Projeto de pesquisa: O convivialismo**

**Projeto de pesquisa: *Inter Pares***

**“**Na corrida da filosofia, aquele que vai mais devagar vence. Ou: aquele que chega por último ao destino”

(Wittgenstein: *Vermischte Bemerkungen*)

**Primeiro preâmbulo**

**Sou um viajante. Mas não gosto de relatos de viagem. Não é que não acredite em relatos; pelo contrário: é pelos relatos que fazemos que nós nos fabricamos. Penso com Paul Ricoeur, o mestre, que a nossa identidade é narrativa. A vida tem um início, um meio, um fim. A narração é uma reconstrução da vida. Ela tem um enredo, e dá uma direção à narração que somos. Entre o eu fragmentado de Nietzsche e o cogito unificado de Descartes, entre o *idem* da repetição e o *ipse* da atestação, eu emerjo na narração como um self e como uma promessa: *me, voici*. Atesto minha verdade ou, mais precisamente, minha veracidade.**

**Já participei de muitas bancas de seleção, mas nunca fiz um memorial. No Brasil, só fiz um concurso público. Foi em 2009, mas era mais um concurso de circunstâncias do que um concurso de verdade. Era a única maneira de oficializar a transição do IUPERJ para UERJ (e também a minha estadia no Brasil: durante 6 meses eu era único exemplar na minha categoria: servidor público clandestino). Já participei de muitas bancas de seleção, inclusive aqui na USP. Mas nunca produzi um *memento mori*. Agora é o momento. O momento do documento. Não gosto do gênero. Em *How Professors Think*, uma pesquisa comparativa sobre comissões de avaliação acadêmica, Michel Lamont mostrou que, diferentemente dos europeus, os americanos colocam os prêmios que ganharam na parede dos seus gabinetes. Não faço isso. Sou europeu. Considero também o CV como algo privado. O Lattes mudou tudo. Alguém em Brasília deve ter lido Foucault como se fosse um manual. O memorial entra na mesma linha. É um exercício de *impression management*. O problema, porém, neste exercício forçado que transforma o documento em monumento de mim mesmo é que, impressionando os outros, não vou conseguir me impressionar.**

\*

O memorial está divido em três partes. Na primeira parte, narrarei minha trajetória acadêmica. Para me encontrar, terei que dar a volta do mundo. Sou cosmopolita.Sem lugar fixo no *kosmos* e sem *polis*. Como toda vida, a minha é um fluxo, um devir, um movimento que atravessa o tempo e o espaço. Poderia dizer que tenho muitas vidas, mas não sou Deleuziano. Direi que tenho uma vida e vou dividi-la em segmentos temporais, chamados “Tempos” (de T1 até T4) e segmentos espaciais, chamados “Estações” (que correspondem a cidades).

Na segunda parte, vou parar na estação carioca e descrever as atividades profissionais que exerci na última década. Para mim, a sociologia é uma forma de vida – para e com os outros. É uma vocação única que se desdobra em cinco verbos: ensinar, orientar, pesquisar, palestrar, organizar e publicar.

Na terceira parte, apresentarei o meu projeto de pesquisa como uma quase-dedução transcendental que junta sociologia e filosofia numa teoria geral da sociedade. Construirei 4 linhas de pesquisa (metateoria, teoria social, teoria sociológica e filosofia prática) que perfazem um sistema e alguns projetos que são como “puxadinhos” e extensões da construção principal.

**I. Uma vida: A trajetória acadêmica e as suas estações**

“Eu não venho do Leste nem do Oeste, não nasci do oceano nem surgi do solo, não sou natural ou etéreo, nem sou composto de qualquer elemento. [...] O meu lugar é o não-lugar, um traço do que não tem traço. Nem corpo, nem alma. Pertenço aos amados, tenho visto os dois mundos como um só e esse chamo e conheço primeiro, último, externo, interno, só a respiração respirada, ser humano” (Rūmī).

Utilizando as ferramentas do Google Earth e o Timeline de Facebook, os “cronotopos” (Bakhtin) que se seguem são uma tentativa de representar graficamente as “variações de escalas” (Revel) e os “horizontes temporais” (Koselleck) de minha vida.



Fig. 1: O topograma

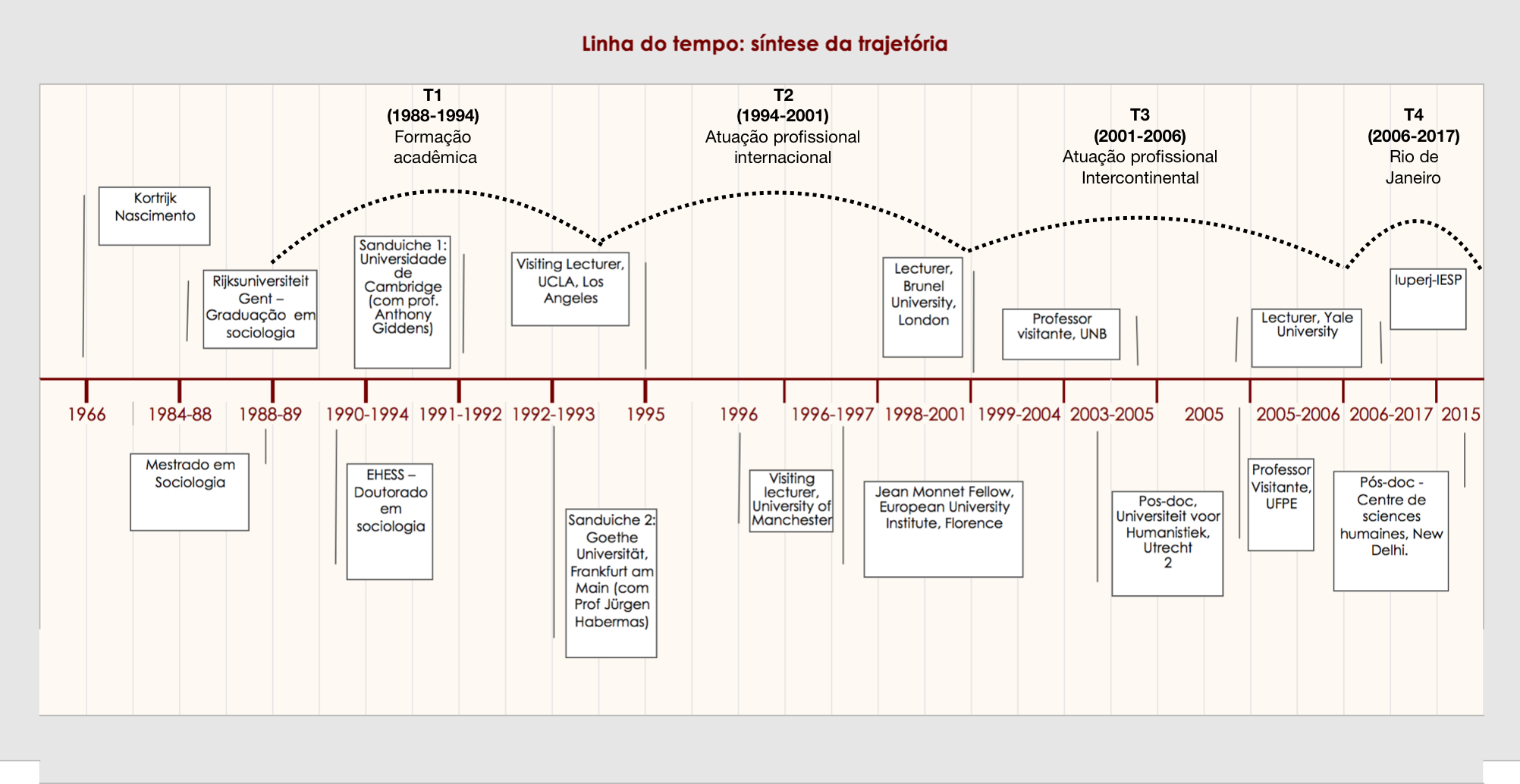


Fig. 2: O cronograma

**T1 (1988-1994): Formação Acadêmica**

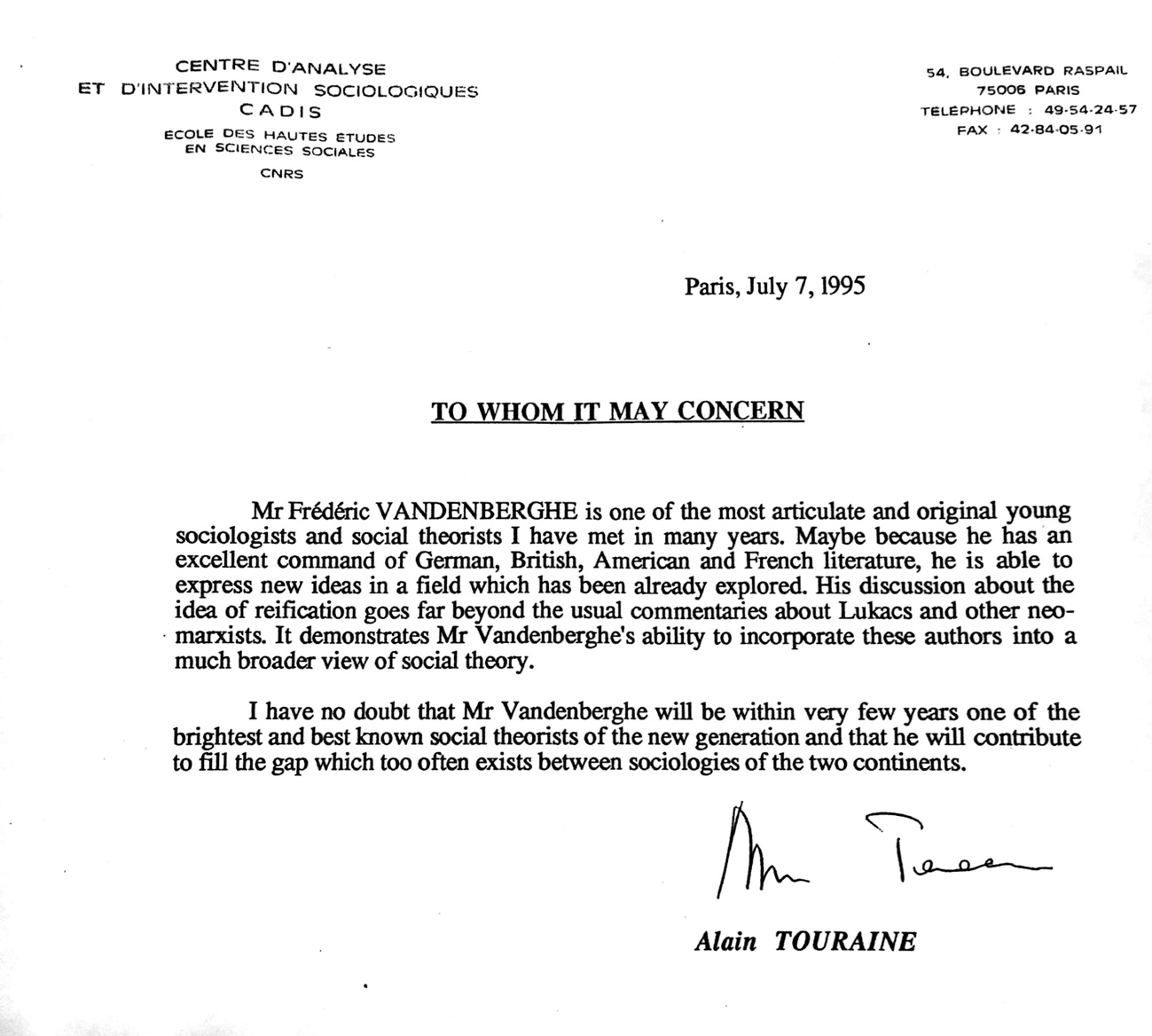
**Estações: Gent- Paris –Cambridge – Frankfurt am Main- Los Angeles - Paris**

**Nasci em Kortrijk, na Bélgica, em 1966. Em Flandres, a 300 metros da fronteira linguística e a 2 quilômetros da fronteira francesa. Em família, eu falava o flamengo com a minha irmã e com os meus irmãos, mas o francês com meu pai e com minha avó. Com o meu padrasto sempre falava o neerlandês. Recusava falar em francês com minha mãe. Em francês, faço uma “hipocorreção” do R. É a expressão de uma luta de classe dentro da linguagem. Não posso dizer em qual idioma penso. Xingo em francês, conto em holandês e mesmo quando leio um texto em alemão, faço anotações em inglês. O português é a minha sexta língua e interfere continuamente no francês. Perdi o meu italiano. Hoje em dia, posso dizer que sou estrangeiro em todos os idiomas. Por isto, prefiro escrever em inglês. Agradeço a Gabriel Peters e Cynthia Hamlin pela correção do meu português e a Diogo Correa pelos efeitos visuais neste memorial.**

**Fiz toda minha escolaridade em neerlandês em Kortrijk. Era inteligente e tinha intuição. Era bem melhor em latim do que em grego, tinha mais facilidade com a história do que com a matemática. Não estudava muito e tinha dificuldades com química. Adorava literatura. Eu era um pouco rebelde também. Fui mandado embora da escola duas vezes. Experimentei drogas. Fazia parte da contracultura. Entrei na Universidade de Gent na Bélgica aos 18 anos. Decidi estudar “Pol & Soc”. Era o reduto dos indignados. Confundia sociologia e socialismo. Mas começava a estudar. Muito. Me tranquilizei. Virei logo um pequeno intelectual provinciano. O departamento era positivista. Me lembro até hoje da leitura de Peter Berger em baixo da mesa numa aula de estatística. Era uma revelação. A descoberta da liberdade. Queria continuar os meus estudos universitários em Amsterdam. Lá, já utilizam computadores e era um pesadelo encontrar alojamento. Desisti e voltei para Gent. O que me interessava era a crítica do positivismo. Fiz uma monografia bem extensa sobre a alienação. Comparei os estudos empíricos que mediram a “impotência” e a “insignificância” do trabalhador com a concepção original do jovem Marx. Tratava sempre o tema da alienação como um conceito técnico. Como o inferno, a alienação são os outros. Hoje sei que a escolha do tema era sintomática.**

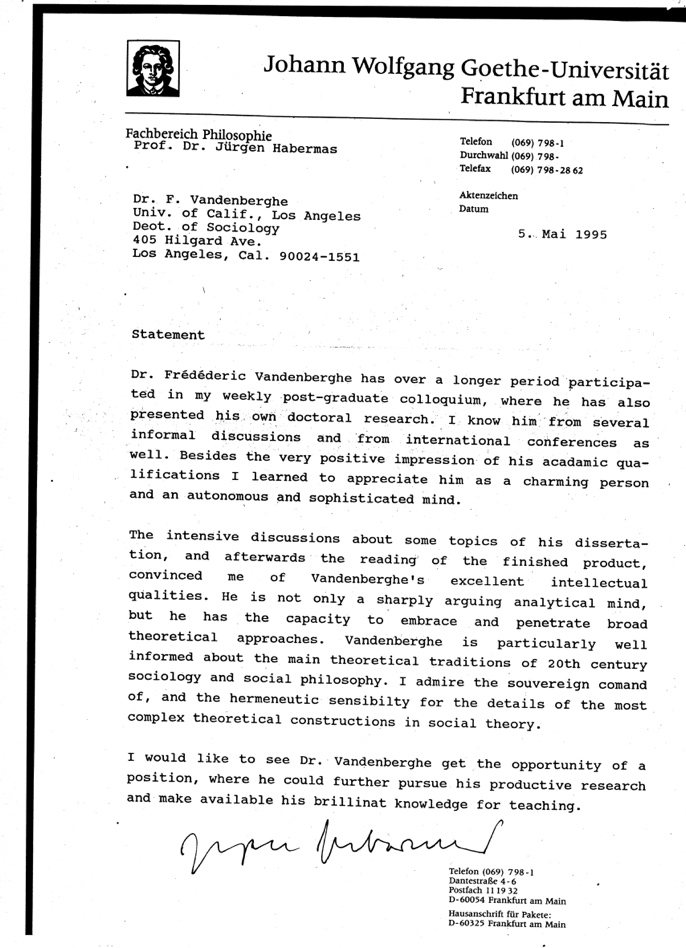
**Quis continuar, com um mestrado. Por sorte, encontrei alguém que fazia um doutorado na École des Hautes Études en Sciences Sociales, em Paris. Decidi me inscrever em sociologia (1988-1989). Na grade de disciplinas, encontrei um nome que parecia familiar: Paul Ladrière. Tornou-se meu orientador. Só depois descobri que o havia confundido com Jean Ladrière, seu irmão, filósofo da ciência, aluno de Piaget. Eu queria trabalhar a sociologia do conhecimento e a questão do relativismo numa perspectiva fenomenológica. Meu orientador não era relativista: era um ex-padre jesuíta, seguidor de Habermas. Ele me cobrava textos, mas eu só queria explorar a sociologia da ciência (Wittgenstein, Bloor, etc.). Decidi voltar para a pesquisa anterior: alienação (*Entfremdung)* – reificação (*Verdinglichung*). Não só Marx, mas também Weber e Lukács. Então ele ficou mais tranquilo. Não orientou muito, nem me convidou para participar das reuniões do seu grupo de pesquisa sobre sociologia moral. Devo-lhe o afastamento do pós-modernismo. Defendi a dissertação de mestrado *La tête de Méduse: Histoire de la réification*, com a presença de Cornelius Castoriadis na banca – pensei em fazer a tese com ele, mas desisti. Durante a defesa, meu orientador e Castoriadis puxaram uma conversa sobre a reificação em Duns Scotus. Mal sabia quem era.**

**Continuei com Paul Ladrière como orientador de doutorado. A ideia era aprofundar a reflexão sobre reificação, mas ampliando o leque de autores. Fiz reconstruções sistemáticas das obras inteiras de Marx, Simmel, Weber e Lukács (vol. 1). Depois, também, de Horkheimer, Marcuse, Adorno e Habermas (vol. 2). Para reconstruir estas obras, devolvi um esquema metateórico e argumentei que o diagnóstico da reificação pela Escola de Frankfurt era resultado de um erro de construção. A partir de uma reinterpretação Habermasiana da logica teórica da sociologia, mostrei que tudo depende do conceito de ação. Desta perspectiva, a reificação nada mais é do que uma junção do conceito estratégico de ação e do conceito materialista de estrutura social. Defendi minha tese em 1994, com o título: *Métacritique de la reification*. Além do orientador, Alain Touraine, Jean-Marc Ferry e Michael Löwy participaram da banca e me deram a nota máxima (*mention très honorable avec félicitations du jury*).**

****

**Carta de recomendação de Alain Touraine**

**Durante meus anos em Paris cursei as aulas de Cornelius Castoriadis (sobre a ontologia da criação), de Alain Touraine (sobre o novo sujeito), de Luc Boltanski (sobre as economias da grandeza), de Alain Caillé (sobre utilitarismo). Assisti também aos cursos de Pierre Bourdieu no Collège de France (sobre o estado – *Sur l’Etat*, os cursos foram publicados na França em 2012). Fora da sociologia, assisti, durante um ano, o curso de Jacques Derrida (sobre hospitalidade e antropofagia: “Il faut bien manger”) e, no ano seguinte, o de Marcel Gauchet (sobre o liberalismo, de Tocqueville até Rawls). Durante o período de doutorado, fiz também dois sanduiches, o primeiro em Cambridge, com o prof. Anthony Giddens, e o segundo em Frankfurt, com o prof. Jürgen Habermas. Com certeza, a influência de Habermas sobre mim foi bem mais forte do que a de Giddens, mas gostava da teoria da estruturação e li tudo do mais famoso sociólogo da época. Na tese, porém, troquei Giddens por Bhaskar e Archer, pois o “teorema da dualidade da estrutura” não me permitia pensar adequadamente a emergência e a autonomia relativa das estruturas sociais, precondição para tematizar a passagem da autonomia estrutural para autonomia alienante dos sistemas sociais. Virei realista crítico. Até hoje me identifico com o movimento realista e, como veremos mais adiante, sou bem ativo no movimento. Não gostei muito de Cambridge. Prefiro instituições mais modestas. Na hora da despedida, Tony Giddens me ajudou e contatou Habermas para me recomendar pessoalmente ao gigante de Frankfurt. Deu certo. Fiquei muito impressionado com Habermas. Na época, ele tinha acabado de publicar *Faktizität und Geltung* (1992) e pareceu bem contente em encontrar um sociólogo para conversar sobre teoria social. Participei ativamente de seus seminários semanais (*Doktorandenkolloquium*), onde apresentei minha tese. Também nos encontramos para conversar com alguma regularidade (inclusive em sua casa).**

****

**Carta de recomendação de Jürgen Habermas**

**No último ano do doutoramento, fui convidado por Jeffrey Alexander (para quem havia escrito um prefácio à *La réduction*, o título que eu tinha sugerido para a tradução de sua crítica a Pierre Bourdieu) para passar um semestre na UCLA. Apesar de ainda não ter terminado o meu doutoramento, o professor Ivan Szelenyi, chefe do Departamento de Sociologia, me perguntou se eu não gostaria de ministrar um curso de teoria sociológica para os calouros da graduação. Foi minha primeira experiência de ensino. Era tímido, preparava as aulas em excesso e, sem dúvida, o nível do material apresentado não era adequado ao nível dos alunos. Inscrevi-me no curso de Garfinkel. Figura estranha, Garfinkel. Devido a múltiplos “incidentes e acidentes” com seus orientandos e colegas, terminou sendo isolado numa pequena sala no subterrâneo. Assisti as aulas, fiz os exercícios de casa (bati no ritmo de um metrônomo, fiz a ‘demonstração de Bryant’, observei o ‘whoosh’ nas auto-estradas de Los Angeles etc.) e discutimos longamente sobre “problemas tutoriais”. Lembro das últimas palavras que ele me dirigiu quando liguei, como combinado, para sua casa para conversar sobre as minhas observações sobre a ordem endógena do trânsito: “Vou acabar com a sua carreira e te perseguir até o fim da sua vida”. Ao que tudo indica, ele não gostou muito das minhas etnografias.**

**T2 (1994-2001): Início de careira**

**Estações: Manchester, Florença, Utrecht, Londres, Montréal**

**Depois da defesa da tese em dezembro 1994, Alain Caillé, fundador do MAUSS (Mouvement anti-utilitariste en sciences sociales), propôs que eu publicasse minha tese na coleção que ele coordena na editora La Découverte. Como só tinha publicado um artigo (em neerlandês) sobre Bhaskar e Giddens, uma resenha extensa (em neerlandês da obra de André Taguieff) e um artigo (em francês) sobre reificação, a publicação da tese em dois volumes com o título *Une histoire critique de la sociologie allemande. Aliénation et réification*. Vol. 1: *Marx, Simmel, Weber, Lukács*. Vol. 2: *Horkheimer. Marcuse, Adorno, Habermas* (com posfácio de Jeffrey Alexander) era o meu passe para o mercado de trabalho. Isso me rendeu cerca de um semestre na Universidade de Manchester em 1996. O departamento de sociologia era excelente. Para substituir um colega em licença sabática, ofereci um curso de teoria sociológica, com muita ênfase no interacionismo simbólico. Graças aos meus conhecimentos em fenomenologia Husserliana e em etnometodologia, pude participar do núcleo de pesquisa de Wes Sharrock, Rod Watson e John Lee. Em comparação com a americana, a etnometodologia inglesa era mais filosófica (Wittgenstein) e bem mais alcoolizada também. Berço do capitalismo industrial, com suas fábricas no centro da cidade, sua cultura popular e sua cena musical, “Madchester” era uma cidade fascinante. Em Manchester, terminei o projeto de pesquisa pós-doutoral sobre a simpatia (a *Einfühlung*) que havia começado na Califórnia.**

**Enviei o projeto para o *European University Institute*, em Florença. Fui aprovado e me tornei um *Jean Monnet Fellow* por um ano e meio, com direito a uma sala na Badia di San Fiesole, um belíssimo monastério do sec. XIV. Gianfranco Poggi era o meu orientador, mas eu tinha muito mais contato com Steven Lukes e com Alessandro Pizzorno. A ideia era trabalhar sistematicamente os fundamentos afetivos da ordem social e montar uma teoria que passaria, num primeiro momento, da intersubjetividade (Husserl, Max Scheler, Edith Stein) à interação (Adam Smith, Hume, Hutcheson); num segundo momento, da ordem de interação (Goffman, Garfinkel, Luhmann) à ordem social (Durkheim, Parsons, Elias) e, num terceiro momento, da ordem social a uma crítica da alienação afetiva (Habermas). Durante mais de um ano trabalhei com diligência a fenomenologia de Husserl. Li milhares e milhares de páginas sobre a fenomenologia da intersubjetividade, mas sem nunca chegar à certeza que não estava sozinho no mundo. Já que precisamos de no mínimo duas pessoas para fazer sociologia (e que as visitas assíduas às Husserlianas não era bom para minha saúde mental) decidi, num belo dia da primavera, largar minha pesquisa. Só sobrou um artigo sobre entendimento e empatia em Husserl, que publiquei em *Estado e sociedade* (2002). Durante anos, sofri de uma “fenomenofobia” que só superei bem depois, nos meus estudos sobre a epistemologia do amor e a arqueologia do valor em Max Scheler (ambos escritos em 2005). Não fiquei no ócio na Toscana. Escrevi um longo artigo sobre globalização e individualização, em italiano (que viralizou quando finalmente foi publicado em inglês e português em 2014), e também um livro em francês sobre as sociologias de Georg Simmel. O livro foi publicado numa coleção de enciclopédias de bolso (Repères) em 2001 e traduzido em português em 2005. Começo o livro, à guisa de introdução, com uma análise do pequeno ensaio de Simmel sobre Florença:**

**Florença – Miniatura filosófica**

**[...] Florença é uma obra de arte, pensa Simmel, contemplando como o Arno corta a paisagem, guarnecido ao longe pelas colinas desnudas de Fiesole. Além do rio, há a natureza, aquém a cultura. Aqui uma arvore e papoulas, lá a grande torre do Palazzo Vecchio, a cúpula do Duomo e o teto verde da sinagoga. “Nada é iluminado apenas por sua beleza singular, porém cada elemento participa de uma beleza de conjunto que o domina”. Em Florença, a separação entre cultura e natureza se dissolve. (*As sociologias de Georg Simmel*, p. 30).**

**Das colinas de Fiesole até os Países Baixos, a distância não era tão grande. Harry Kunneman, o maior exponente de Habermas na Holanda, tinha lido a minha tese parece ter gostado do meu projeto de pesquisa sobre a teoria da ação afetiva. Ele era o reitor da Universidade para Estudos Humanistas (www.uvh.nl), uma pequena universidade experimental que ensina a “humanística”, e me ofereceu uma bolsa pós-doc por dois anos (mas como era em tempo parcial, acabei ficando cinco). A Universidade, criada em 1970 como expressão da “pilarização política” (Lijphart), é o equivalente de um departamento de teologia, só que estritamente secular, e não forma pastores, mas conselheiros existenciais.** A “humanística” é uma disciplina normativa e aplicada: consiste no estudo acadêmico de questões relativas ao significado da vida e pretende contribuir para a humanização da sociedade. A Universidade não é uma instituição de excelência, mas incorpora um *ethos*. **No primeiro dia de trabalho, fui apresentado aos colegas, que me disponibilizaram uma sala. Na mesa, um computador e um buquê de flores. Gostei da instituição e** virei um humanista convicto e certificado. (Se fosse na Bélgica ou na França, teria me tornado maçom). Não ensinei. Pesquisei. Explorei todas as conexões possíveis entre Georg Simmel, Ernst Cassirer e Pierre Bourdieu. Escrevi um artigo bastante denso sobre o “estruturalismo gerativo” de Pierre Bourdieu: “The real is relational. An Inquiry into Pierre Bourdieu´s Constructivist Epistemology”. Neste artigo (o mais citado de todos os meus artigos), propus uma reconstrução sistemática da lógica relacional e uma crítica realista da epistemologia relacional. O texto acabou chegando às mãos de Bourdieu, via Loïc Wacquant. O mestre então me enviou uma carta, onde confirmou que eu tinha acertado a fórmula de sua obra: Bourdieu = Bachelard + Cassirer.

Na mesma época, passei no concurso na Brunel University, em Londres. Brunel era uma nova universidade no Noroeste de Londres, nos arredores do aeroporto de Heathrow, que atendia sobretudo estudantes do subcontinente indiano. A arquitetura do campus era ‘brutalista’. *Clockwork Orange*,de Kubrick, foi filmado lá. O Departamento de Ciências Humanas (Sociologia, Antropologia, Psicologia e Comunicação) era exuberante e contava com duas grandes atrações: Antropologia (em torno de Adam Kuper) e Sociologia (em torno de Steve Woolgar). Nessa época, os *Sciences Studies* ainda estavam experimentando “explosões controladas” do conceito de Verdade. Brunel era um dos centros do STS. Era fascinante. Aprendi muito com Steve Woolgar, Mike Lynch, Alan Irwin e Dick Pels. A contra-fluxo, aprendi como não fazer sociologia da ciência. Juntamente com Dick Pels e Kevin Hetherington, organizei uma conferência internacional sobre o estatuto do objeto na teoria social. Publicamos depois os textos mais importantes de Bruno Latour, John Law, Annemarie Mol e Rom Harré, num número especial duplo de *Theory, Culture and Society* (2002, vol. 19, no. 5/6).

Na conferência, apresentei um texto sobre a ontologia dos actantes-rizomáticos. Bruno Latour gostou das minhas provocações e respondeu com brio num número especial da *Revue du MAUSS* (2001, no. 17). Este número, que organizei junto com Alain Caillé e Philippe Chanial (RDM, 2001, no. 17), versava sobre a construção social da natureza). Além do debate com Latour, a publicação continha textos importantes de Ulrich Beck (o primeiro a ser traduzido para o francês, com uma longa introdução minha à sua sociologia cosmopolítica), Michael Lynch, Kate Soper, Serge Latouche e Dominique Pestre. A tensão entre o humanismo de Utrecht e a desconstrução de Londres era bem produtiva. Resultou num livro sobre pós-humanismo: *Complexités du posthumanisme. Trois Essais dialectiques sur la sociologie de Bruno Latour*, que dediquei a Latour. Admiro o teórico e respeito o homem, mas discordo de suas posições. Dito isso, é bom de ter um *sparring partner* que você admira. Se é para fazer críticas meramente negativas, melhor se calar ou mudar de tema.

Entre 1998 e 2001, alternava entre Amsterdã (onde morava) e Londres. Passava um semestre na Holanda, outro na Inglaterra. Entre esses dois mundos, ainda morei em Montreal com uma atriz francesa que conheci depois da Conferência mundial da ISA, no Canadá. Graças à mediação de Alain Caillé, conheci Michel Freitag e nos tornamos amigos. Freitag é um gigante da teoria social. Sua obra é tão complexa quanto a de um Habermas ou de um Luhmann. *Dialectique et société* (5 volumes) pode ser considerado o tratado da Escola de Montréal. Em um seminário de seu grupo, apresentei uma reconstrução sistemática de sua obra em 80 páginas. Ele adorou. Seus seguidores, um pouco menos. Depois da sua morte, uma versão reduzida daquela reconstrução foi publicada num volume comemorativo de *Sociétés*, a revista dos Freitagianos.

**T3 (2001-2006): Consolidação profissional**

**Estações: Índia-Holanda-Brasil-Estados Unidos**

**Em 2001, minha relação com a atriz francesa que conheci no voo Montreal-Paris terminou. Pedi demissão de Brunel e voltei para Holanda. Alguns meses antes, o departamento de sociologia de Brunel tinha recebido a nota máxima no *Research Assessment Exercice* (RAE) – o plano piloto de todos os *audits* que seriam implementados, inclusive no Brasil. Alguns meses mais tarde, o departamento se desfez. Woolgar foi pra Oxford (mas para o Departamento de Administração), Mike Lynch foi para Cornell, Alan Irwin se mudou para Copenhagen e Dick Pels voltou para Amsterdã. E eu ... eu fui para Índia por 6 meses. Queria fazer um trabalho humanitário e servir as comunidades. Entrei em contato com HIVOS, uma organização humanista holandesa de desenvolvimento, comparável à Oxfam, mas mais radical e progressista. Trabalhei com vários projetos (coletivos de prostitutas em Chennai, cooperativas de garis em Bangalore, luta contra trabalho infantil em Hyderabad etc.). Foi uma experiência transformadora. Desde então, tenho voltado à Índia com regularidade para dar cursos de verão sobre desenvolvimento humano para ativistas da Índia, Indonésia e Holanda com os colegas do Kosmopolis Institute. Fiz um pós-doc de um ano na Índia, em 2015. No mesmo espírito, me candidatei, no ano passado, a uma missão humanitária com Médicos sem Fronteiras (MSF). Infelizmente, me acharam acadêmico demais para ser operacional, e fui reprovado.**

**Depois daquela estadia na Índia, em 2001, voltei para a Universidade para Estudos Humanistas. Fui sem bolsa, mas com o seguro desemprego. Nada mudou. Continuei a minha pesquisa. Mas em vez de ser pago pelo ministério da educação holandês, fui pago pelo ministério do trabalho (ganhei mais!). Certo dia, durante um conferência em Paris, encontrei o professor Brasilmar Ferreira Nunes, da Universidade de Brasília, que me convidou para assumir um posto de professor (titular) visitante durante 6 meses na UNB. Dei um curso na pós-graduação (em inglês) sobre a questão da ordem social na teoria contemporânea. Depois de Brasília, voltei para Utrecht por alguns meses. Neste período, a Universidade para os Estudos humanistas conferiu um doutorado *honoris causa* à Professora Seyla Benhabib, de Yale. Participei da conferência organizada em sua homenagem. Creio que ela gostou da minha intervenção, pois me convidou para me juntar a ela no programa Ethics, Politics and Economics (EP&E), um ‘triple major’ muito concorrido que ela coordenava na Universidade de Yale. Antes de ir para New Haven, retornei à UnB em 2004/2005 (um ano) onde ministrei um curso, em dois semestres, na pós-graduação: “Por uma sociologia crítica da modernidade”. A primeira parte era em inglês; a segunda, em português. Também ensinei no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE durante três meses - programa que considero um dos melhores do país. Definitivamente 6 na escala da Capes.**

**Deixei o Brasil em 2005 para assumir o cargo de professor visitante em Yale. Seyla Benhabib me deu uma sala majestosa e luxuosa com vista para a avenida mais bonita de New Haven: Hillhouse Avenue. Tom McCarthy era o meu vizinho. A biblioteca de Yale era um sonho. Tinha tudo, inclusive em alemão, francês, português e holandês! E caso a biblioteca não tivesse o livro, podia encomenda-lo por empréstimo de outras bibliotecas da Ivy League. New Haven também tinha uma livraria fantástica: a *Labyrinth books* (que já fechou, mas reabriu em Nova York com outro nome: *Book Culture*). New Haven é um vilarejo, mas tem mais palestras ali do que no Rio de Janeiro. Todas as minhas referências bibliográficas desfilavam por lá com regularidade. De Habermas e Wallerstein até o presidente chinês Hu Jintao. Às terças feiras frequentava o ‘Brown Bag Seminar’ de teoria política; às quintas, participava do ciclo de palestras do departamento de sociologia; às sextas, do *Cultural Sociology Workshop* de Jeffrey Alexander. Nos fins de semana, colocava a minha bicicleta no trem e ia explorar Nova York. Como professor associado, ministrei vários cursos: na graduação, para o programa EP&E (“Modernity and Beyond”; “Money, Commodities and Reification”; “Social Theory: A Humanist Perspective”); na pós-graduação, para o Departamento de Sociologia (“New Trends in World Sociology”). Os alunos da graduação eram jovens, mas incrivelmente inteligentes e espertos. Metade planejava trabalhar *in the city* (Wall Street), metade era mais idealista. Os alunos da Pós-Graduação também eram excelentes, ainda que excessivamente competitivos.**

**T4 (2006-2017): Mobilidade lateral**

**Estação: IUPERJ – IESP-UERJ**

**Embora as condições de trabalho em Yale fossem excelentes, preferi, por motivos tanto pessoais quanto profissionais, deixar a célebre Universidade. Decidi isso num dia de domingo, quando me dei conta de que quase todos os meus colegas da sociologia estavam trancados nas suas salas, trabalhando. Eu mesmo estava cansado de ter quer parecer brilhante vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana. Também estava com saudades do Brasil. Soube que havia aberto uma vaga no Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ), segundo me disseram, o equivalente do EHESS em Paris. Mandei o meu CV por e-mail e fui chamado para uma entrevista. Pagaram até a viagem! Os colegas tinham só duas questões. A primeira: “Porque você quer sair de Yale?”. Respondi que queria trabalhar menos e viver melhor. Eles gostaram da resposta. A segunda: “Quanto tempo você pretende ficar no Brasil?”. Respondi que sabia da crise da Universidade Cândido Mendes e que provavelmente ficaria até o fim.**

**Cheguei ao Rio de Janeiro em janeiro de 2007. Percebi brigas antigas na instituição, mas nunca me intrometi nelas. Apesar da agonística e do teatro, o IUPERJ rapidamente se tornou o meu novo New Haven: um lugar de trabalho, solidariedade e amizade. A afetividade fluía livremente: com os funcionários e os terceirizados da limpeza; com os colegas e, com certeza, com os estudantes. A informalidade nas relações contrastava agradavelmente com o profissionalismo estéril de Yale. Almoçava com os colegas várias vezes por semana. Conversávamos pouco sobre trabalho, mas li e conheci os textos de Luís Werneck, Ricardo Benzaquen, José Mauricio Domingues, Adalberto Cardoso, Marcelo Jasmin, Renato Bosschi e Renato Lessa. As condições de trabalho no IUPERJ eram excelentes. Os estudantes também. Parecia um sonho. Depois de todas minhas perambulações, tinha chegado ao meu destino. A minha biblioteca também chegou, de navio. Mais de duas toneladas de livros. Finalmente, o viajante pode desfazer suas malas.**

**Entretanto, a crise da Universidade Cândido Mendes se agravou e o azar fez com que o IUPERJ entrasse em crise terminal em 2010. Sempre atrasados, no período final, os salários sequer eram pagos. A situação era verdadeiramente catastrófica, uma prolepse do presente. A diretoria buscava desesperadamente uma saída. Articulações entre o diretor do IUPERJ, o reitor da UERJ e o governador Sergio Cabral levaram à solução. Juntamente com todos os meus colegas do antigo IUPERJ, pedi demissão da UCAM e, com um novo nome de fantasia (IUPERJ virou IESP), migramos para UERJ. Viramos todos bolsistas. Foi um desastre. As relações entre “a maioria” e a “minoria” se tensionaram. Luís Werneck, Maria Alice Rezende de Carvalho, José Eisenberg, Renato Lessa, Marcelo Jasmin e Ricardo Benzaquem desembarcaram. O próprio diretor do antigo IUPERJ que tinha negociado a transição para a UERJ desertou o barco. Perdemos nossa ilustre biblioteca. O IUPERJ acabou mesmo.**

**Passei no concurso para o IESP em 2011 e, desde então, tenho orgulho de ser um ‘servidor público’, no sentido forte da palavra. Uma vez terminado o período probatório em 2015, fiz um pós-doutoramento na Índia – na Índia porque achei que o desvio pelo subcontinente me permitiria entender melhor o Brasil. O retorno para o Brasil foi difícil, e não apenas por causa da crise econômica, política, moral e institucional do país. Em minha ausência, a cultura institucional do IESP também mudou de forma significativa. Os antigos funcionários perderam seus direitos e, aos poucos, também seus empregos. Rafael, Simone, Florita, Chris, ... mais de 25 funcionários saíram desde 2009. Quando a Capes rebaixou a nota da Sociologia de 7 para 5, perdemos também nossa excelência. A ferida narcísica e a entrada de novos colegas concursados com plano de carreira lançaram a instituição na tangente de um fordismo acadêmico. “Rumo a 7!”. Como se o mero volume de publicações pudesse servir como indicador de excelência. A crise fiscal do Estado de Rio de Janeiro reforçou as patologias funcionais da instituição. Silenciosamente, me desidentifiquei com a organização. Na contracorrente do oportunismo, reforcei meu idealismo. Cada vez mais, me sinto marginalizado. Sofro. É hora de ir. *Me voici*. Mas antes de sair, quero agradecer aos colegas que me acolheram na rua da Matriz durante mais de uma década. Não quero ‘sujar’ a instituição nem me colocar na situação da vitima. Eu quero sair em paz. Desejo boa sorte ao IESP e aos colegas. Como dizem os amigos ao se despedir: “Obrigado por tudo e desculpa qualquer coisa”.**

**II. A sociologia como forma de vida**

**Segundo preâmbulo**

**No relato que se segue, vou manter a ficção de que o novo IESP representa o futuro do IUPERJ. Não há solução de continuidade. Há mais de 10 anos que trabalho no Rio. Para mim a sociologia é mais do que uma disciplina: é uma forma de vida - com e para os outros. Como profissional, levo o meu trabalho muito a sério. Juntamente com Harry Kunneman, da Universidade para os Estudos Humanistas, teorizamos sobre o “profissionalismo normativo” como uma das chaves da mudança social. O profissional tem um *ethos*: princípios, normas e valores que realiza com e para os outros, num trabalho decente. A satisfação vem do trabalho bem feito e a motivação é intrínseca às atividades. Elas são um fim em si mesmas. Como Aristóteles sabia, a excelência se cultiva fazendo; fazendo, me cultivo. Isto tem implicações para a sociedade: é de dentro que ela se transforma.**

**Como sociólogo e acadêmico, tenho uma única vocação – “being good by doing good” (MacIntyre)- mas ela se desdobra em várias atividades: ensinar, orientar, pesquisar, palestrar e organizar (deixo de lado o papel de administrador, que não considero uma vocação, mas uma obrigação – que, aliás, cumpri quando fui coordenador do PPGS no IUPERJ). Tratarei delas em sequência.**

**1) Ensino:**

**O IESP só tem curso de Pós-Graduação. Os estudantes são excelentes, talvez comparáveis com os da École des Hautes Etudes em Paris, do Instituto Europeu em Florença ou de Yale. As condições de trabalho também são excelentes: um seminário por semana, que sempre preparo meticulosamente como se fosse uma palestra. Às vezes, passo 3 dias para dar uma aula de 3 horas. Não falo o tempo todo. Como bom Habermasiano, gosto de aulas mais dialógicas. Não peço aos estudantes para apresentar os textos, mas a partir de uma seleção bem cuidadosa de textos (60-80 páginas max.) parto do princípio de que leram o material. Em geral, dou uma das matérias obrigatórias (Teoria Sociológica 1, 2 e 3) num semestre e uma matéria eletiva noutro. Só ministrei Teoria Sociológica 1 uma vez. Para mudar a história convencional da disciplina, além de Mauss, Tarde e Simmel, joguei Comte e Spencer entre os clássicos. Isso trouxe resultados interessantes, com distinções entre a sociologia vitoriana e a sociologia da *Belle époque*. Também permitiu deslocar as fronteiras entre sociologia e filosofia; ciência e ideologia. Várias vezes ministrei Teoria Sociológica 2 e ensinei os grandes sociólogos do século XX (fenomenologia, pragmatismo, Parsons, Mannheim, Elias, estruturalismo, Marxismo ocidental). O meu curso predileto é Teoria Sociológica 3 no qual apresento, além da “sociologia neoclássica” (Bourdieu, Giddens, Habermas, Luhmann), as mais novas tendências na teoria social mundial. A fim de não me repetir, sempre mudei o programa de leituras. No decorrer dos anos, este curso me ajudou a reconstruir a história mais recente da disciplina. Para sair da “lenga-lenga” do debate agência e estrutura, experimentei diversas sistematizações. Direi mais sobre isto na seção posterior, sobre as novas correntes na teoria social mundial. Para dar uma ideia do conteúdo do curso, reproduzo parte do programa de 2013:**

Teoria sociológica 3:

O curso tem como objetivos apresentar os novos desenvolvimentos na teoria social contemporânea nos diversos continentes, desde o novo movimento teórico dos anos 80 até hoje, bem como discutir de maneira crítica a relevância destas teorias “fora do lugar” para um país semiperiférico como o Brasil.

O curso é dividido em três partes. Na primeira parte, analisamos as “sociologias neoclássicas" de Pierre Bourdieu, Anthony Giddens, Jürgen Habermas e Niklas Luhmann. Contra as versões mais escolares da história recente da sociologia, propomos uma reconstrução sistemática das obras do *fin-de-siècle* que vá além da problemática “agência-estrutura” e considere como uma teoria geral da sociedade se constrói.

Na segunda e na terceira partes do curso, analisamos alguns dos mais interessantes desenvolvimentos na teoria social contemporânea. Na parte 2, nos detemos sobre algumas abordagens microssociológicas influenciadas pelo pragmatismo, o interacionismo simbólico e a etnometodologia. Distinguimos as teorias da ação (Archer, Lahire, Dubet) das teorias das práticas (Latour, Collins, Boltanski e Thévenot).

Na terceira parte, comparamos algumas vertentes da teoria crítica contemporânea (Axel Honneth, Seyla Benhabib, Ulrich Beck) com os chamados Estudos - Estudos da governamentalidade (com Niklas Rose, Aiwa Ong e Partha Chatterjee), Estudos Culturais (com Stuart Hall) e de Gênero (com Judith Butler e Beatriz Preciado) -, terminando o percurso com algumas análises do presente (Michael Hardt, Toni Negri e Michael Mann).

**Ofereci cursos eletivos bem puxados sobre “A sociologia e a filosofia das technociências” (2008) e “O fato social total” (2009). Este último versava sobre cultura material e introduzia a globalização não como um fato, mas como uma perspectiva que permitia desdobrar o mundo a partir de um único objeto – como o magico que puxa o coelho da cartola. Lamentavelmente, não escrevi o texto que planejei sobre o tema e que serviria como introdução a um livro que ilustraria a perspectiva com estudos de casos, feitos pelos alunos. Dei também um ciclo de cursos bem ambiciosos que explorava a interface entre a sociologia e a filosofia: “A sociologia como filosofia prática (e *vice versa*)” (2012); “A sociologia como filosofia moral (e *vice versa*)” (2013) e “A sociologia como filosofia política (e *vice versa*)” (2014). O resultado destas reflexões se encontra no artigo “A sociologia como filosofia prática e moral”, publicado na revista *Sociologias* (2015, 17, pp. 60-109), no dossiê sobre sociologia moral que Raquel Weiss organizou. No ano passado, dei um curso um pouco “descolado”, junto com o meu amigo, ex-orientando e pós-doc Diogo Corrêa, sobre as “viradas nas ciências humanas”. Desde a publicação, em 1969, do livro *The Linguistic Turn*, organizado por Richard Rorty, umas cinquenta viradas têm ocorrido. Analisamos algumas viradas na filosofia, na sociologia e na antropologia (a virada linguística, a “mirada” simbólica, a “pirada” pós-moderna, etc.) e propusemos uma sociologia dos movimentos intelectuais para fazer a sociologia das viradas.**

**No semestre que vem, darei um curso sobre a sociologia existencial. A ideia é cruzar a filosofia existencial de Karl Jaspers e Paul Ricoeur com a sociologia francesa do indivíduo. A bibliografia é ampla, mas a divisão do curso em 4 seções dá uma ideia da empreitada:** I. Fenomenologia da existência (Heidegger, Sartre, Camus, de Beauvoir, Jaspers, Ricoeur); II. Avatares do self: Individuo, pessoa, eu (Dumont, Renaut, Durkheim, Mauss, Simmel, Taylor, Paranjpe, Viveiros de Castro); III. Sociologia do indivíduo (Mannheim, Elias, Bourdieu, Lahire, Heinich, Hadot, Foucault, Rose, Beck, Dubet); IV. A conversa que somos (James, Archer, Gauchet, Ehrenberg).

No IESP, existe um curso coletivo que se chama “Estudos Exemplares” e que coordenei várias vezes. Os colegas apresentam um dos seus livros prediletos e os estudantes fazem uma resenha. No decorrer dos anos, apresentei os livros seguintes (sempre em tradução para o português quando é possível, porque, como é bem sabido, o conhecimento de idiomas é um discriminador notável de classe):

Estudos exemplares

Aihwa Ong (2006): *Neoliberalism as Exceptio*n. *Mutations in Citizenship and Sovereignty*.

Nathalie Heinich (1996): *Etats de femmes. L´identité féminine dans la fiction occidentale.*

James Scott (1990): *Domination and the Arts of Resistance*. *Hidden Transcripts.*

Maurício Lazzarato: *Les révolutions du capitalisme*.

Judith Butler (1990): *Gender Trouble. Feminism and the Subversion of Identity.*

Jürgen Habermas (1973): *Legitimationsprobleme im Spätkapitalismus*

Karl Polanyi (1944): *The Great Transformation*. *The Political and Economic Origins of Our Time*.

**2) Orientação:**

**Com minha entrada no corpo docente, comecei a orientar dissertações e teses. Muitas. Nos últimos 10 anos, tive o grande privilégio de orientar 17 mestrandos, 13 doutorandos e 4 pós-docs (não conto minha participação em inúmeras bancas, de todos os tipos). Os números não indicam a seleção cuidadosa dos orientandos que faço. Uso 4 critérios (nesta ordem): Primeiro: química, pois a orientação pressupõe, como condição de felicidade, uma relação intersubjetiva duradoura de confiança, investimento e engajamento mútuo. Segundo: Dedicação total. Sem paixão nada se faz. Quem não pensa na sua tese ao escovar os dentes não vai fazer uma obra de mestre. Terceiro: Interesse no tema, porque orientando uma tese, eu também estou aprendendo e me formando. A aprendizagem é mutua. E, finalmente, competência (minha e do estudante) porque sei por experiência que funciono melhor com orientandos que são relativamente bons e autônomos. Não gosto de “fazer” o professor.**

**Na execução desta responsabilidade que tenho de levar o estudante ao mais alto nível de excelência que seja possível dentro de suas capacidades, assumo, com certeza, o papel de orientador, mas não só. Como se diz alhures, eu sou também “advisor” (EUA), “supervisor” (UK), “guia” (Índia”), “diretor” (França), “acompanhador” (Holanda), “enquadrador” (França) e, posto o *transfer* psicanalítico inevitável, também “Doktorvater” do orientando. As minhas relações com os orientandos são horizontais. Trato-os como profissionais e futuros colegas. São eles que escolhem o tema. Eu me responsabilizo pela qualidade. Deu certo. Nos últimos cinco anos, três dos meus orientandos ganharam prêmio de melhor tese da instituição. Não tem milagre. A formula é simples: afeto + autonomia + inteligência.**

**Para dar uma visão da pluralidade dos temas, reproduzo aqui a lista das teses de doutorado defendidas. Para destacar as teses premiadas, coloquei-as em negrito.**

Teses defendidas

**Eduardo Nazareth (2006-2010 – defesa 2012):**

**O esporte como experiência. Nanosociologia do jogo de bola.**

Gabriel Moura Peters (2008/2012- defesa 2013):

*Do existencialismo sociológico à epistemologia insana: a ordem social como problema psíquico.*

Rodolfo Alves Amaro (2008/2012 – defesa 2014):

*Guyau, Durkheim e o problema científico da moralidade.*

Eleandro Cavalcante (2009-2013 – defesa 2015):

*Conspirando música: uma etnografia macrossociologicamente informada do conceito goffmaniano de equipe*

**Diogo Corrêa Silva (2009-2013 – defesa 2015):**

**Anjos de Fuzil: uma etnografia das relações entre Igreja e tráfico na Cidade de Deus.**

Thiago Panica Pontes (2010-2014 – defesa 2015):

*"Crescer na vida": trajetórias de micromobilidade nos meios populares*

Priscila de Oliveira Coutinho (2010-2014 – defesa 2015):

*“Meu sonho era maior que eu”: Biografia sociológica de uma trânsfuga de classe*

Marcos Aurélio Lacerda da Silva (2011-2015- defesa 2015):

*Discurso sociológico da modernidade*

André Ricardo do Passo Magnelli (2011-2015 – defesa 2015):

*Na Carne do Social: Dom Constituinte, Metamorfoses do Político e Paradoxos da Reconstrução Democrática*

**Alexandre de Paiva Rio Camargo (2010-2014- defesa 2016):**

**A construção da medida comum: estatística e política de população no Império e na Primeira República**

Marina Tomassini (2012-2016 – defesa 2016):

*Brasileiros em Nova York: Uma etnografia revisitada (1994-2014)*

Glauber Lemos (2012-defesa 2017):

*A imaginação entre nobres e aventureiros: arte, indivíduo e sociedade na obra de Joseph Conrad.*

Cecília Barbosa Soares (2013-2017):

*Economia moral e vida social da mercadoria de luxo*

Não posso deixar de mencionar os 2 pós-docs que estou supervisando atualmente e que estão me dando muita alegria. Olivia Von der Weid é antropóloga e defendeu uma tese lindíssima sobre pessoas com cegueira. Participei de sua defesa de doutorado no IFCHS. Ela se vendou e abordou a vida das pessoas cegas a partir de uma fenomenologia do corpo que segue nos traços de Tim Ingold. No pós-doc, ela aprofunda a pesquisa, ampliando o foco da cegueira para o campo dos *disability studies*. A tese tem descrições finas sobre a bengala como extensão prostética do corpo. Faltava o cão-guia. A lacuna está sendo sanada agora, com uma pesquisa de campo num centro de treinamento dos cachorros em Santa Catarina. Diogo Corrêa defendeu uma tese premiada, sob minha orientação, sobre a conversão dos traficantes na cidade de Deus. O ponto alto da tese é a análise minuciosa das conversões, vacilações e reconversões continuas de Charles, um ex-traficante que, agora, graças a Deus, está casado e ‘firme na fé’. Vindo do pragmatismo francês, Diogo agora explora o campo das “intensidades” (afetos, efervescências, ritmos, atmosferas, etc.) numa perspectiva neovitalista (deleuzo-latouriana).

Em 2016, organizamos no IESP nosso primeiro curso de extensão: *Diálogos entre teoria e empiria: Tendências da sociologia contemporânea.* Durante 10 semanas, os recém doutores e os pós-docs apresentaram a suas pesquisas, recentrando-as em torno de um autor importante da teoria sociológica, mostrando como tinham feito na sua tese a conexão entre a alta teoria e a empiria. Foi um sucesso. Com 70 estudantes da graduação inscritos, oriundos de várias universidades do grande Rio, a sala ficou lotada. A qualidade das palestras também é digna de nota. Diogo Corrêa está organizando um livro que vai mostrar ao público todo o talento da nossa equipe.

arte_cartaz_curva.pdf

Cartaz do Curso de extensão

**3) Pesquisa**

**Desde minha entrada na Universidade eu faço pesquisa. Meu material empírico é teórico. Faço reconstruções sistemáticas de autores, genealogias de conceitos e exegeses de obras completas. Meu trabalho é reconstrutivo, interpretativo e hermenêutico. Testando a solidez das arquiteturas conceituais, sistematizo e, quando necessário, crítico e reestruturo a construção. Não me vejo como um destruidor. Meu trabalho é de axiomatização e de reconstrução. Pela crítica positiva e dialógica, busco desvendar os ângulos mortos e fortalecer as teorias. O meu campo são as bibliotecas. A unidade de análise não é o texto, nem o livro, mas a obra. Como hermeneuta, procuro o todo na parte e a parte no todo. Meus “nativos” são bem-conhecidos: Adorno, Alexander, Archer, Bhaskar, Boltanski, Bourdieu, Beck, Cassirer, Castoriadis, Deleuze, Elias, Freitag, Gadamer, Garfinkel, Habermas, James, Kunneman, Latour, Luhmann, Mannheim, Mauss, Nandy, Negri, Offe, Parsons, Quéré, Ricoeur, Schütz, Simmel, Touraine, Wittgenstein e Zerubavel. Meus conceitos também são variados, alguns dos quais já figuraram em verbetes de minha autoria: ação, afeto, alienação, antropologia filosófica, biotecnologia, casta, comunicação, conversa interna, convivialismo, cosmopolitismo, critica, cuidado, cultura, dadiva, emergência, estrutura, fetichismo, filosofia social, funcionalismo, globalização, governmentalidade, hermenêutica, humanismo, interação, materialismo histórico, mediação, midiologia, microssociologia, performance, performatividade, poder, póshumanismo, positivismo, racionalização, realismo, reconstrução, reflexividade, relação, simbolismo, subjetividade, simpatia, sistema, situação, sociedade, *Verstehen*, utilitarismo, *Weltanschauung*. Juntando autores e conceitos, faço teoria e metateoria. Não tenho um sistema; se tiver, não é *a priori*, mas *a posteriori* (ou será *ad hoc*?). Percebo um *habitus* teórico que se repete em minhas pesquisas. Como estrutura gerativa que permanece relativamente invariante nas suas transformações, ele se mostra em suas atualizações. Talvez Dilthey tenha razão: o leitor enxerga melhor a obra do que o próprio autor.**



**Agora, o essencial: o Sociofilo. Em 2007, fundei o Sociofilo como um laboratório de pesquisa avançada em teoria social. Funciona muito bem, produz trabalhos da altíssima qualidade e organiza seminários locais, nacionais e internacionais. Para mim, é uma fonte permanente de alegria e orgulho. A sua fundação foi,** na verdade, um artefato da burocracia. Chegando dos Estados Unidos, eu não sabia a diferença entre linha de pesquisa e projeto de pesquisa. Respondendo a um pedido da secretaria da pós-graduação do IUPERJ, eu criava, sem saber, várias linhas de pesquisa no computador (metateoria, teoria social mundial, ontologia do presente, sociologia da alma). Para unificar tudo o que havia elaborado, lembrei-me dos Cafés Philo**,** na França. Em analogia com estes encontros de aspirantes a filósofos, unifiquei as linhas de pesquisa sob o guarda-chuva “Sociofilo”. Estou bem consciente da arrogância que tal denominação pode sugerir, afinal de contas, nada pior do que um sociólogo que se acha filósofo.

O Núcleo conta com cerca de 30 pessoas que participam dos encontros quinzenais do ‘colaboratório’ com regularidade e entusiasmo. Além dos meus orientandos, que são membros *ex oficio* do Núcleo, o ‘colaboratório’ agrega também simpatizantes que desenvolvem pesquisa avançada em teoria social. Temos um site na internet bem artesanal e vagabundo **(**<http://sociofilo.iesp.uerj.br>**). Contratamos recentemente um designer profissional. Em breve, teremos um novo site bem artístico com as linhas e os projetos de pesquisa do Sociofilo, os perfis dos ‘fellows’, os mestrados e as teses defendidas, uma agenda das atividades, ebooks, um blog, etc.**

Em princípio, o Sociofilo trabalha na interseção da sociologia e da filosofia, e tem interesse em metateoria, teoria social e teoria sociológica. O programa de pesquisa que apresentarei na terceira parte deste memorial representa a “Constituição” do Núcleo. No âmbito do Sociofilo, duas frentes da pesquisa podem ser distinguidas. De um lado, aquele, digamos, mais alemão, tem pesquisas mais conceituais sobre os fundamentos das ciências sociais. Este tipo de pesquisa junta a sistemática com a erudição, a profundidade da reflexão com a elegância da formulação. Do outro lado, o mais francês, tem pesquisas de campo que integram reflexões mais teóricas em pesquisas mais qualitativas de cunho mais antropológico.

**O que talvez mais distingue o Sociofilo dos outros núcleos de pesquisa é o seu “espirito” – o seu humanismo proclamado e o seu convivialismo praticado. Posso dizer que ali mal tem competição. Apesar do desequilíbrio demográfico (com sobrerepresentação masculina), não damos trela a exibições de prepotência teórica – do tipo “a minha teoria é maior do que a sua”.**

**Como escrevemos no Manifesto de Blog do Sociofilo:**

“Antes de tudo, nascemos do ímpeto de juntar nossas forças intelectuais com nossas fraquezas existenciais. Para nós, a teoria nunca foi um fim em si mesma. Pelo contrário, sempre tomamos a teoria como tentativa de transformar a sociologia numa forma de vida – solidária, cooperativa, convivial. É na interdependência com o mundo da vida que qualquer teoria se faz. [...] De fato, pensando que a academia é o único lugar em que o comunismo persiste ainda nos dias de hoje (cheque seu Merton), queríamos experimentar como é possível respeitar as diferenças da cada um, sem deixar de juntá-las num projeto coletivo, vivo e vivido, teórico e prático, sério, mas não sisudo, e, por isto, necessariamente lúdico, autossubversivo e solidário. É verdade que o Sociofilo não é só um (co)laboratório. Às vezes, aparenta-se mais a um asilo, um hospital, um grupo de apoio (“teóricos anônimos”), para não dizer uma família orgulhosamente disfuncional. Repetimos: nos mantemos sobretudo pelas nossas fraquezas existenciais. Daí extraímos a nossa força”. **[https://blogdosociofilo.wordpress.com/manifesto/]**

Além de funcionar com uma base local, o Sociofilo é também uma rede em extensão e de pesquisadores internacionais. O Sociofilo contou desde a sua fundação com “grandes padrinhos” (Michel Freitag, Roy Bhaskar, Margaret Archer, Jeffrey Alexander, Seyla Benhabib, Bernard Lahire) que o apoiam. Infelizmente, nos últimos anos, dois de nossos padrinhos faleceram (Freitag e Bhaskar). **Desde a abertura do Sociofilo com a palestra de Bernard Lahire (École Normale Supérieure, Lyon), em 2008 (desde então, ele voltou cinco vezes), recebemos Margaret Archer (Warwick University), Fuyuki Kurasawa (York University, Toronto), José Luís Garcia (Instituto de Ciências Sociais, Lisboa), Susan Haack (University of Florida, Miami), Cristina Toren (St. Andrews, Escócia), Nathalie Heinich (École de Hautes Études em Sciences Sociales, Paris), Michel Bauwens (P2P Foundation, Chiang Mai), Chantal Mouffe (Westminster University, Londres), Ernesto Laclau (University of Essex), Jeffrey Alexander (Yale University), Alain Caillé (Université de Paris-Nanterre), Serge Paugam (EHESS, Paris) e Francis Chateauraynaud (EHESS, Paris).**

**Sendo um núcleo produtivo, mas não produtivista, o Sociofilo dispõe de vários canais de comunicação: Os *Cadernos do Sociofilo* (1), o *Blog do Sociofilo* (2) e a *Biblioteca do Sociofilo* na Annablume (3).**

(1) Em 2011, lançamos os *Cadernos do Sociofilo*. Publicamos 6 números, cada um organizado por 2 pesquisadores do núcleo que se responsabilizam para a alta qualidade dos artigos.

**Cadernos do Sociofilo**

Primeiro Caderno (2011): Somos Bourdieusianos?

Segundo Caderno (2012): Nanossociologia

Terceiro Caderno (2013): Entre a sociologia e a filosofia I

Quarto Caderno (2014): Homenagem a Bernard Lahire

Quinto Caderno (2015): Entre a Sociologia e a Filosofia II

Sexto Caderno (2016): As novas antropologias

Para escapar ao formato rígido imposto pela Capes, decidimos transformar a nossa revista numa série de *ebooks*. O sexto Caderno foi o último número da revista e também o primeiro *ebook*. O segundo *ebook*, voltado a cartografias da teoria crítica, está pronto e o lançaremos no segundo semestre de 2017. Uma vez que o novo site do Sociofilo esteja pronto, os *ebooks* serão disponibilizados gratuitamente no site. Quem quiser uma versão impressa, poderá obtê-la com *print on demand* pela Annablume.

**(2) Em 2016, criamos o *Blog do Sociofilo* (www.blogdosociofilo.wordpress.com), com o intuito de estabelecermos um contato com um público mais amplo nas ciências sociais. Faz tempo que tínhamos o projeto não só de tornar acessível o que ao longo dos anos vem sendo produzido pelo núcleo, assim como queríamos dar visibilidade a pequenos textos que consideramos exemplares. Há um ano que o blog funciona e é um sucesso retumbante – tanto de curtidas e compartilhamentos no Facebook quanto de assinaturas ao Blog e procuras em sites de busca. Com dois posts por semana, publicamos, até agora, mais de cem posts. Temos crescido em qualidade e também em quantidade. Se em 2016, de junho a dezembro, tivemos 11.096 visualizações, apenas de janeiro a junho de 2017, já chegamos à casa das quinze mil visualizações. Além de constância e muito trabalho, a sedução do blog vem de sua linha editorial, de seu espirito de irreverência (explicitado no “Manifesto do Blog”) e de seu capital de confiança. Os posts do blog se estruturam em diversas seções. Trabalhamos com verbetes sobre autores (Mauss, Clastres, Parsons e Bourdieu) e conceitos (intersubjetividade, experiência, hábito, reificação); publicamos transcrições de conferências (como a de Nicolas Dodier sobre dispositivos), sínteses de teses recém-defendidas e resenhas de obras relevantes. Publicamos bastante traduções (de Bruno Latour, David Held, Tristan Garcia e George Steinmetz, por exemplo). Fazemos entrevistas com os vivos (há uma com Luc Boltanski) e saudamos os mortos com necrologias (Benzaquen de Araújo e Antônio Candido). Para dar mais livre acesso à parte descritiva e antropológica do grupo, abrimos uma seção de relatos etnográficos. Experimentamos com imagens e há também uma seção exclusiva para vídeos (por exemplo, todas as palestras proferidas pelos membros do grupo na Jornada do Sociofilo, de que falei acima, estão disponíveis no site do blog). Por fim, de modo a permitir a existência de textos um pouco maiores, mas sem perder a dimensão didática, o blog possui uma seção de séries temáticas (por exemplo, as cartografias da teoria crítica, a psicopatologia do ponto de vista da sociologia, Giddens em pílulas).**

**(3) Ainda em 2017, lançaremos** a *Biblioteca do Sociofilo*, uma coleção de teoria social, pela editora Annablume. A nova coleção da Annablume tem, como missão primordial, publicar textos inovadores e pioneiros de cientistas sociais jovens e talentosos. Espera-se, com isso, contribuir para uma renovação significativa das ciências sociais brasileiras. A política editorial é de abertura e passa por uma redefinição de fronteiras disciplinares. Nesse sentido, a Biblioteca do Sociofilo acolhe dois tipos de textos. De um lado, textos teóricos sólidos, mais “alemães”, situados na fronteira da sociologia e da filosofia, que tratam dos fundamentos das ciências sociais e, igualmente, que dialogam com as vertentes mais recentes da teoria social contemporânea ou apresentam uma reflexão sobre a "ontologia do presente". De outro lado, pesquisas microssociológicas e etnografias ousadas, mais “francesas”, de cunho fenomenológico, etnometodológico, pragmatista ou neomonadológico, situadas na fronteira entre a sociologia e a antropologia, que aplicam grandes teorias para entender pequenas situações de ação; explicitam o pano de fundo cultural das práticas ou tentam interpretar as crises existenciais que perpassam uma vida. Além desses textos de meta- e de microssociologia, a Biblioteca do Sociofilo também traduzirá textos representativos e entrevistas de grandes autores estrangeiros que estão na ponta do debate internacional nas ciências sociais.

Já temos várias publicações previstas.

Catálogo da biblioteca do Sociofilo

Alain Caillé: *Teoria anti-utilitarista da ação.*

André Magnelli, Jayme Gomes Neto e Raquel Weiss: *Durkheim, Apesar do Século. Novas Interpretações entre Sociologia e Filosofia.*

David Le Breton: *Dos rostos*.

François Depelteau, Frédéric Vandenberghe e Luís Ignácio Gaiger: *Fazendo DR. A sociologia relacional*.

Gabriel Moura Peters: *A ordem social como problema psíquico: Do existencialismo sociológico à epistemologia insana.*

Jeffrey C. Alexander: *Sociologia cultural. Teoria social, performance, dram*a.

Olivia von der Weid: *O som do muro. Práticas e conhecimento de vidas com cegueira.*

Pierre Rosanvallon: *O parlamento dos invisíveis*.

Rodrigo de Castro: *Fazer um gesto. Dar o exemplo*.

Thiago Panica (org.): *Bernard Lahire: Textos e contextos. Entrevistas com Frédéric Vandenberghe e Jean-François Véran*

**4. Palestras**

**O que vale para a língua, segundo Wittgenstein, vale também para a pesquisa. Salvo exceção, não existe pesquisa privada. A pesquisa encontra o seu destino no público, quer em publicações escritas, quer em publicações orais. Não sou um bom orador, mas acho que sou um bom palestrante. Preparo muito as minhas palestras. Para não me sentir como um ator-cantor que faz a volta ao país com um único repertório, raramente dou a mesma palestra mais de duas vezes. Boa parte das palestras são artigos que não escrevo. Dou muitas palestras e, ocasionalmente, também mini-cursos, no exterior e também no Brasil. Com a exceção dos grêmios regulares (ISA, Anpocs, SBS etc.), posso dizer que na maioria dos casos sou convidado, às vezes como keynote speaker, às vezes em mesas redondas e conferências com colegas mais destacados. Não quero de jeito nenhum me vangloriar. Está tudo registrado no Lattes. Quero mencionar, porém, uma conferência particular da qual participei em 2008, na Academia Pontifical das Ciências Sociais no Vaticano. Fui convidado com perito externo por Margaret Archer. Visitei os 44 hectares não para ser visto, mas para ver. Havia ex-presidentes, vice primeiro ministros, cientistas ganhadores do Nobel, cardeais e o próprio Papa Ratzinger. Fomos bem recebidos numa vila romana, a *casina Pio IV*, de uma beleza excepcional. Todo dia, o chef da cozinha era trocado. Os vinhos também. Eu apresentei um texto “Entre la voix et la croix, le don et la donation”. Abri minha fala com as palavras seguintes: “Queridos Irmãos, queridas irmãs, me endereço a vocês como humanista e hermeneuta, como sociólogo e socialista”.**

**Nos últimos anos, tenho participado de maneira mais intensa do Critical Realism Network. Fundado em 2013 por um ex-colega e amigo de Yale, Phil Gorski, e com financiamento generoso (U$ 2.500.000,00) da Templeton Foundation, temos conseguido montar escolas de verão sobre filosofia das ciências para a nata dos jovens sociólogos dos departamentos mais destacados dos Estados Unidos (Michigan, Berkeley, Chicago, etc.). Em geral, os cursos acontecem na cidade onde ocorrerá conferência anual da ASA, um pouco antes dela (Nova York, Chicago, Seattle e, este ano, em Montreal). O primeiro curso foi tão intenso que foi uma loucura. Na primeira semana, fiz uma dobradinha com Phil. Enquanto ele dava Aristóteles, Hobbes, Hume, Kant e Nietzsche pela manhã, eu me responsabilizava pelas aulas da tarde sobre pragmatismo, hermenêutica, teoria crítica e Bourdieu. Entramos em transe. Na segunda semana, o próprio Roy Bhaskar e Margaret Archer assumiram o controle. A ideia por trás dos cursos de verão é investir pesadamente na formação dos doutorandos e dos recém-doutores, criando, assim, um verdadeiro movimento intelectual com capacidade de mudar a teoria sociológica americana. O Network organiza também webinars e conferências internacionais das quais participo.**

**Não sou ativo apenas como palestrante, às vezes também organizo eventos. Faço isso não como *networker*, mas como um *netweaver* que junta pessoas que compartilham uma visão de mundo. Recusei assumir a presidência do GT de teoria sociológica da ISA, mas há anos estou no conselho. Também editei a *Newsletter* da ISA de 2006 até 2010. Durante as conferências mundiais sempre organizo painéis, por exemplo sobre ‘materialidade e teoria social’ (Brisbane), o ‘vigésimo aniversário do novo movimento teórico’ (Durban), ‘a sociologia da mente’ (**Göteborg**), ‘a ontologia dos coletivos’ (Yokohama) ou ‘a neutralidade axiológica’ (Toronto). De 2007 até 2012, coordenei o GT de Teoria social da Anpocs com Cynthia Hamlin e Artur Perrusi. Às vezes também coordeno mesas redondas na Anpocs. Em 2009, coordenei uma mesa redonda sobre as “Convergências e divergências na teoria social contemporânea” (que resultou no livro *Além do habitus. Teoria social pós-bourdieusiana*). No ano passado coordenei uma mesa redonda sobre a sociologia relacional com François Depelteau (que resultará no livro *Fazendo DR*: *A sociologia relacional*). Este ano coordenarei mais uma, com Gabriel Cohn, sobre “As viradas nas ciências humanas”.**

**Ao longo dos anos, organizei várias mesas redondas, seminários e entrevistas no IUPERJ-IESP, na Anpocs e na SBS com colegas e amigos estrangeiros que conheço há muito tempo: Craig Calhoun (London School of Economics, Londres), Bernard Lahire (ENS, Lyon), Roy Bhaskar (University College, Londres), Axel Honneth (Goethe Universität, Frankfurt), Margaret Archer (EPFL, Lausanne), Alain Caillé (Université de Nanterre, Paris), Raewynn Connell (University of Sydney), Seyla Benhabib (Yale University) e Jeffrey Alexander (Yale University).**

**Não posso deixar de mencionar o colóquio internacional que organizei em 2015 com Alain Caillé, Philippe Chanial e Stéphane Dufoix no *Château de Cerisy-la-Salle*, lugar mítico, conhecido como palco das mais importantes discussões filosóficas na França (com semanas temáticas dedicadas a Heidegger, Barthes, Foucault, Derrida, etc.). Antes, já havia participado dos famosos colóquios de Cerisy-la-Salle – uma semana com Anthony Giddens em 1991 (onde o conheci); dez dias com** Jürgen **Habermas e Richard Rorty em 1993; uma semana com Boltanski e Thévenot em 2001, e de novo em 2015, desta vez como co-organizador. Convidamos os grandes nomes da teoria social (Alexander, Sahlins, Wieviorka, Dubet, etc.) para refletir sobre os fundamentos de uma teoria social não-utilitarista. Foi mesmo memorável.**

**Já que estamos falando dos “serviços prestados à comunidade cientifica”, para encerrar, gostaria de mencionar as revistas das quais sou membro ativo (e não meramente decorativo) no conselho da redação: *Revue du Mauss*; *European Journal of Social Theory*; *Journal of Critical Realism*; *Sociological Theory; Canadian Review of Sociology/Revue canadienne de sociologie* e *Sociological Theory*. Escrevo muitos pareceres e, além das revistas mencionadas, quem sempre me solicita são TCS, RCBS e RBCP.**

**5. Publicações:**

Sempre trabalhei em instituições de excelência. Começo de baixo e, às vezes, fico nas margens. Sou um homem de sorte. As condições de trabalho sempre foram excepcionalmente boas. Nunca tive um chefe; nunca dei mais de 3 horas de aula por semana. O resto do tempo, estudava com afinco e disciplina. Li muito e escrevi muito também. Durante muito tempo, guardei meus textos na gaveta. Era meu arquivo. Para mim, a publicação não é um fim, o que importa é a pesquisa. Se a pesquisa é boa, pode-se publicar, caso contrário, não. De qualquer forma, publica-se demais. Ouso dizer que nunca publiquei um artigo que não deveria ter publicado. Não me conformo com artigos padronizados. Meu formato é o texto de 50-70 páginas. Às vezes, tenho que fracionar os meus textos, mas de jeito nenhum pratico *salami science*. Como sou poliglota e cosmopolita, meus textos são regularmente traduzidos em vários idiomas. Isto pode dar a impressão que sou produtivista. Não sou. Sou radicalmente contra o sistema atual. Não deu certo na União Soviética. No Brasil é mais deletério ainda. Sou do Velho Mundo. Não me conformo com o *homo lattes*. Tenho uma ideia mais elevada do *Typus des* *Menschentum*s, para falar como Weber. Admiro Gabriel Cohn.

Já que toda minha produção está no Lattes e também na Sucupira, gostaria de mencionar o que ainda não está lá– está no prelo:

1. Livros

Vandenberghe, Frédéric (2017): *Póshumanismo ou a lógica cultura do capitalismo global*. São Paulo: Annablume.

Archer, Margaret e Vandenberghe, Frédéric (sous la dir. de) (2017): *Le réalisme critique. Une ontologie pour la sociologie*. Lormont: Le bord de l’eau.

(Com textos de Margaret Archer, Roy Bhaskar e Frédéric Vandenberghe)

Caillé, Alain, Chanial, Philippe, Dufoix, Stéphane e Vandenberghe, Frédéric (sous la dir. de) (2017): *Les fondements non-utilitaires des sciences sociales* (Colloque de Cérisy). Lormont: Le bord de l’eau.

(Com textos de Jeffrey Alexander, Robert Boyer, Daniel Cefai, Sergio Costa, Francois Dubet, Olivier Favereau, David Graeber, Nathalie Heinich, Francois Hartog, Marcel Hénaff, Marshall Sahlins, Peter Wagner, Michel Wieviorka)

Gorski, Phil e Vandenberghe, Frédéric (eds.) (2017): “Axiological Neutrality or Engagement?”, special issue of *Canadian Review of Sociology/ Revue Canadienne de sociologie.*

(Com textos de Mustafa Emirbayer, Phil Gorski, Anne Rawls, Andrew Sayer, George Steinmetz, Richard Swedberg, Frédéric Vandenberghe).

Vandenberghe, F. (2018): *As sociologias de Georg Simmel* (republicação expandida pela Vozes que comprou os direitos do livro da Edusc).

Vandenberghe, Frédéric (2018): *Uma história filosófica da sociologia alemã. Volume 2: A escola de Frankfurt*. São Paulo: Annablume.

Vandenberghe, Frédéric (2018): *Uma história filosófica da sociologia alemã. Volume 3: Juergen Habermas*. São Paulo: Annablume.

Caillé, Alain e Vandenberghe, Frédéric (2018): *Towards a New Classical Sociology. A Proposal, followed by a debate*. New Delhi: Routledge.

(Com participação de Jeffrey Alexander, Margaret Archer, Johan Arnason, Robert Boyer, Craig Calhoun, Partha Chatterjee, Randall Collins, Raewyn Connell, Veena Das, Francois Dubet, Jean-Pierre Dupuy, Maurice Godelier, Philip Gorski, Hans Joas, Axel Honneth, Hans Joas, Bernard Lahire, Bruno Latour, Danilo Martucelli, Edgar Morin, Ashis Nandy, George Steinmetz, Laurent Thévenot e Peter Wagner).

Depelteau, Francois, Vandenberghe, Frédéric e Gaiger, Luís Ignácio (orgs.) (2018): *Falando DR: A sociologia relacional.* São Paulo: Annablume.

(Com textos Gabriel Cohn, François Depelteau, Mustafa Emirbayer, André Nahoum, Fabricio Neves, Serge Paugam, Gabriel Peters, Philippe Steiner, Sergio Tavolaro, Carlos Eduardo Sell, Frédéric Vandenberghe).

2. Capítulos

Vandenberghe, Frédéric (2017): “Talcott Parsons: A teoria geral da ação e seu legado”, in Martins, C. B e Sell, C. E. (orgs.):  *Manual de teoria sociológica*. São Paulo: Annablume. 

Vandenberghe, Frédéric (2017): “The Relation as Magical Operator. Overcoming the Divide between Relational and Processual Sociology”, in Dépelteau, F. (ed.): *Handbook of Relational Sociology*. New York: Palgrave.

Vandenberghe, Frédéric (2017): “After words: The Spirit of Evolution and Envelopment”, in Bhaskar, R., Esbjörn-Hargens, S., Hedlund, N., and Hartwig, M. (eds.): *Metatheory for the Anthropocene. Emancipatory Praxis for Planetary Flourishing*. London: Routledge.

Vandenberghe, Frédéric (2017):“Interview: Critical Realism as Critical Theory”, in Rutzou, T. (ed.): *An Invitation to Critical Realism*. Londres: Routledge.

Gorski, Phil, Porpora, Doug, Rutzou, Tim, Steinmetz, George e Vandenberghe, Frédéric: “Beyond Positivism. Rethinking Critical Realism”, in Rutzou, T. (ed.): *An Invitation to Critical Realism*. Londres: Routledge.

Vandenberghe, Frédéric e Weiss, Raquel (2018): “Um percurso exemplar: Da teoria social à sociologia cultural”, in Alexander, J.: *Sociologia cultural: Teoria social, cultura, performance*. São Paulo: Annablume. 

Vandenberghe, Frédéric (2018): “Introdução: Cartografia da nova teoria social”, in Correa, D. (org.): *Teoria social e empiria (Jornada do Sociofilo)*. São Paulo: Annablume.

Vandenberghe, Frédéric (2018): “Pierre Bourdieu, 1930-2002”, in Savidan, P. (éd): *Dictionnaire des inégalités et de la justice sociale*. Paris: PUF. 

3. Artigos

Vandenberghe, F. (2017): “A Sociologia relacional e processual. Uma síntese”, *Antropologia e sociologia* (UFRJ).

Vandenberghe, Frédéric (2017): “Sociology as Practical Philosophy and Moral Science”, *Theory, Culture and Societ*y. 

Vandenberghe, Frédéric (2017): “Moral Sociology against Axiological Neutrality”, *Canadian Review of Sociology/Revue canadienne de sociologie*.

Vandenberghe, Frédéric (2017): “Experiments with Truth. A Sociological Variation on William James’s *Varieties of Religious Experience”*, *Journal for the Theory of social Behaviour*.

Vandenberghe, Frédéric (2017): “Prolegomena to Reconstructive Social Theory”, *Political Power and Social Theory* (special issue of PPST on Critical Realism with texts by Claire Decoteau, Phil Gorksi, Dan Little, Tim Rutzou, George Steinmetz).

Para mais informações e textos, permito-me referir ao meu site pessoal: http//frederic.iesp.uerj.br

Neste site, que funciona para mim como um *drive* externo, o leitor encontrará não somente cópias de meus artigos, mas também de alguns dos meus livros. Coloco todo o material lá não por narcisismo (Deus me livre...), mas por razões bem mais idealistas. Acredito que a cultura deve ser livre (“livre” – não no sentido da cerveja liberada, como dizia Richard Stallman, mas do *free speech*) e, portanto, deve ser livremente compartilhada. Em contrapartida - e em acordo com os princípios do Convivialismo, do P2P (peer-to-peer), dos Commons, etc.- abro mão de todos os meus direitos autorais.

**III. Projeto de pesquisa: Teoria social reconstrutiva**

**Terceiro preâmbulo**

**Trabalho na interseção entre filosofia, a sociologia e a antropologia. Tendo me especializado em uma espécie de “hermenêutica de importação e exportação”, desenvolvo uma pesquisa que está fundada sobre a filosofia social alemã, dialoga com a teoria social anglo-saxônica e debate com a teoria sociológica francesa. Em minha tese de doutorado, que foi publicada em francês em 2 volumes, ofereci uma reconstrução sistemática das teorias da racionalização, da reificação e da alienação na teoria social e na filosofia social alemãs, de Hegel até Habermas. Meu projeto intelectual é de fato ambicioso: pretendo desenvolver uma teoria da ação coletiva que seja fenomenologicamente baseada, hermeneuticamente informada e criticamente orientada para a análise das principais formas contemporâneas de reificação, alienação e emancipação. De modo a fincar esta teoria crítica do presente em alicerces sólidos, tenho trabalhado sistematicamente com o realismo crítico (Harré, Bhaskar, Archer), a hermenêutica (Heidegger, Gadamer, Ricoeur), a fenomenologia (Husserl, Scheler e Jaspers) e o pragmatismo (Mead, Dewey e Cooley). Para atualizar a crítica do presente, também investiguei novos desenvolvimentos na tecnologia digital e na bio-tecnologia e escrevi um livro sobre o pós-humanismo e o biocapitalismo. Cansado, porém, da ladainha de denúncias e da hipercrítica que define o gênero da teoria crítica (no sentido amplo, que inclui toda a tradição que vai de Adorno a Zîzek, de Bourdieu a Butler, de Foucault a Negri), comecei a desenvolver uma teoria social reconstrutiva que pretende ir além da postura crítica para abrir caminhos que apontam para projetos alternativos que se baseiam numa antropologia positiva e almejam uma política do agir em comum.**

**Meu encontro com o Brasil me levou, entretanto, a questionar as pressuposições eurocêntricas da sociologia e da filosofia, encaminhando-me em direção à antropologia. Durante o meu ano sabático na Índia em 2015, pela primeira vez da vida, fiz pesquisa de campo – e adorei a experiência. Fiz uma etnografia em “escolas integrais”, inspiradas pela filosofia de Sri Aurobindo, nas aldeias tribais de Orissa, um dos estados mais pobres da Índia. Com certeza, essa transição da dedução e da abdução para a indução vai deixar rastros nas minhas teorizações futuras. A passagem pelo subcontinente indiano me tornou ainda mais consciente de que a maior parte das teorias sociológicas formuladas nas metrópoles das sociedades ocidentais não se aplica nem lá nem aqui (com a exceção notável, mas inesperada, da abordagem de Niklas Luhmann). Tenho pensado obsessivamente a respeito da problemática das “teorias fora do lugar” e sempre me pergunto como elas podem ser trabalhadas, “torcidas” e reformuladas para servirem como ferramentas de interpretação da vida social na semiperiferia e na periferia. Na minha opinião, o pós-colonialismo não tem que ser praticado como uma crítica externa dos discursos filosóficos e sociológicos que vêm de fora, mas como uma tentativa de reterritorialização das teorias e uma recontextualização criativa dos conceitos para dar conta da situação local. Assim como a *haute couture*, a alta teoria tem que trabalhar *sur mesure* (sob medida, e não de maneira padronizada).**

**Finalmente, antes de apresentar meu projeto de pesquisa, uma última (mas importante) palavra de cautela: tenho ciência de que o projeto é intelectualmente ambicioso, até mesmo desproporcional. A despeito de minhas pretensões intelectuais, julgo importante cultivar a virtude da modéstia pessoal (*humilitas*). Isto explica porque o projeto de pesquisa possui uma circularidade, a qual pretende interrelacionar sistematicamente minha pesquisa acadêmica acerca das fundações da teoria crítica com uma busca pessoal da “boa vida com e para os outros em instituições justas” (Ricoeur). É por evitar a prepotência e a *hubris* que adicionei uma quarta linha de busca, mais espiritual e existencial, às outras três linhas de pesquisa.**

**\***

**Em termos mais gerais, o projeto de pesquisa pretende relacionar sistematicamente a metateoria, a teoria social e a teoria sociológica em uma perspectiva unificada que chamo de “teoria social reconstrutiva”. Ela se inspira do realismo critico de Roy Bhaskar, da teoria crítica de Jürgen Habermas e da teoria anti-utilitarista da ação de Alain Caillé. Ela aponta para uma síntese “Habermausiana” (sic). Ainda que não pretenda elaborar um sistema filosófico com deduções transcendentais oriundas de uma fundação última (*Letzbegründung*), estou convencido de que as pressuposições transcendentais da sociologia podem ser sistematicamente mapeadas (metateoria) (I), que estas pressuposições metateóricas podem ser trabalhadas em uma teoria geral da sociedade que ofereça um quadro conceitual para a análise da ação, da ordem e da mudança sociais (teoria social) (II), que esta teoria social filosoficamente informada pode servir de base para uma teoria crítica da modernização e da globalização (teoria sociológica) (III), e que esta teoria sociológica das principais dimensões e direções da modernização na era global prepara o terreno para uma pesquisa qualitativa em comunidades locais (etnografia social) (IV), bem como para intervenções práticas, transformativas e concretas, em colaboração com organizações de base comunitária (sociologia aplicada transformativa) (V). O presente formato do projeto é sobretudo teórico, mas não exclui de modo algum a possibilidade de que ele assuma uma direção mais empírica e prática.**

**De modo a abrir caminho na cascata de relações entre a metateoria (que investiga os pressupostos filosóficos da sociologia), a teoria social (que desenvolve uma teoria da agência, da estrutura e da mudança social) e da teoria sociológica (que analisa a conjuntura global do presente), dividi o projeto principal em quatro linhas de pesquisa inter-relacionadas. As linhas de pesquisa são formuladas de modo abrangente. Como nos *móbiles* de Alexander Calder, essas** esculturas formadas por elementos suspensos por fios que se equilibravam mutuamente, junto projetos de pesquisa a linhas de pesquisa que se movem em velocidades e direções várias para formar uma estrutura modular em movimento continuo.



Um móbile de Calder

**Primeira Linha: Metateoria - fundamentos filosóficos da teoria crítica**

Metateoria é filosofia para cientistas sociais que (como eu) não conhecem seu verdadeiro cânone. Situando-se na interseção entre filosofia e sociologia (na verdade no interior da sociologia, mas investigando sua filosofia intrínseca e tornando-a explícita), ela se propõe a descortinar e explorar as fundações filosóficas das ciências sociais. Em consonância com as divisões clássicas da filosofia, sob seu escrutínio se encontram a ontologia, a epistemologia, a metodologia, a ética e a antropologia contidas na sociologia. A ideia subjacente é que essas pressuposições não variam aleatoriamente. Pode-se mapeá-las. Juntas, elas formam um sistema.

**Em minhas análises dos processos de racionalização, reificação e alienação, reconstruí a tradição alemã da teoria crítica e submeti as sociologias de Marx, Max Weber, Simmel e Lukács (Vol.1), assim como a filosofia social da primeira e segunda gerações da Escola de Frankfurt (Vol.2), a uma metacrítica. Esta metacrítica era em larga medida inspirada no quadro metateórico que Jeffrey Alexander havia apresentado em seus primeiros trabalhos sobre a lógica teórica na sociologia. A conclusão a que cheguei em minha pesquisa foi a de que uma teoria crítica do presente tem de ser multidimensional e controlar reflexivamente seus próprios pressupostos, de modo a evitar as armadilhas de uma hipercrítica que só pode denunciar a existência da dominação, sem perceber as possibilidades de emancipação.**

Acredito que essa conclusão permanece válida, mas, na introdução à tradução portuguesa de meu livro sobre a sociologia alemã, revisei e refinei minha compreensão da metateoria e de sua relação com as teorias social e sociológica. Através de uma análise dos pressupostos ontológicos, epistemológicos, ideológicos, normativos e antropológicos das ciências sociais, meu propósito é o de entender a lógica teórica que anima a construção da teoria social geral e estabelecer as fundações de uma teoria da ação em comum. Conclui que, no fim das contas, tudo depende da antropologia filosófica e, contra toda a tradição Hobbesiana, defendi uma antropologia positiva que concebe o ser humano como homo *simbolicus reciprocans.* Situando-me na tradição europeia da teoria crítica (segunda e terceira gerações da Escola de Frankfurt, segunda e terceira geração de Socialisme et Barbarie), explorei linhas de articulação entre o realismo crítico, a hermenêutica e a antropologia da dádiva.

Finamente, numa última revisão, aprofundei a minha reflexão sobre os pressupostos filosóficos da teoria social com considerações existenciais.Subjacente às classes onto-epistemológicas (Bhaskar) e normativas (Habermas), pretendo ter aberto um solo existencial. Ele corresponde mais ou menos a uma antropologia filosófica normativa, embora com a notável diferença de que a visão do *antropos* envolvida não é mais genérica, e sim pessoal. Meu existencialismo é humanista e personalista, em muito maior sintonia com o *Existenzphilosophie* de Karl Jaspers (1976) e o personalismo de Paul Ricoeur (1991) do que com o desespero heroico de Sartre e Camus. No limite, a realização pessoal coincide com o pleno florescimento humano – a boa vida de cada um como precondição para o completo desenvolvimento de todos em uma sociedade convivialista.

Projeto de pesquisa: O realismo crítico/metacrítico

Com o Critical Realism Network

**Interdisciplinar e internacional, o realismo crítico é um movimento na filosofia e nas ciências humanas que, inspirado nos trabalhos de Roy Bhaskar, tenta introduzir, há mais de trinta anos, sólidas e bem fundamentadas reflexões ontológicas na filosofia das ciências naturais e das ciências humanas. Contra os positivistas, os idealistas e os pós-modernistas, o realismo crítico defende uma ontologia robusta e não empirista, irredutível à epistemologia. Sustenta que o mundo não é feito apenas de acontecimentos e fatos; em última instância, ele compreende mecanismos, sistemas, estruturas transfactuais (e talvez até inobserváveis), dotados de poder causal, capazes de explicar os acontecimentos observáveis e os fatos observados. Em *A realist theory of science*, Roy Bhaskar desenvolveu uma posição filosófica que demonstrou convincentemente que o positivismo não se aplica sequer às ciências da natureza. Seria, portanto, ainda mais difícil defender sua validade para as ciências sociais.**

**Antes da sua morte, dei vários mini-cursos sobre o realismo critico com o próprio Roy Bhaskar (em Niterói, em 2009, onde o conheci; em Pádova, em 2010, e em Londres, em 2013). Juntamente com os colegas americanos do Critical Realism Network, estamos construindo um movimento acadêmico realista nos Estados Unidos. Comparado com o realismo critico britânico, o realismo americano é bem mais pluralista. À parte um antipositivismo radical e um engajamento axiológico compartilhados, não tem ortodoxia nem linha do partido. Neste âmbito, eu tento desenvolver a teoria social reconstrutiva com uma teoria geral da sociedade que sintetiza a filosofia realista das ciências do primeiro Bhaskar com a filosofia da metarealidade da última fase.**

Projeto de pesquisa: **Hermenêutica das Profundezas**

**Com Hans-Herbert Kögler (University of North Florida)**

**Tradicionalmente, a teoria crítica tem sido concebida como um programa de pesquisa pós-metafísico interdisciplinar que permanece fiel às promessas do Iluminismo/Esclarecimento. Conscientemente dando continuidade a uma tradição que conecta Kant, Hegel, Marx e Freud, a teoria crítica articulou a reflexão filosófica sobre as condições de possibilidade do conhecimento com uma teoria emancipatória da sociedade que analisa as principais fontes de dominação e alienação.**

**A despeito de suas boas intenções, a teoria crítica permanece, entretanto, eurocêntrica em larga medida. Enquanto a economia política é usualmente tomada como modelo de uma teoria da alienação, gostaria de explorar a ideia de uma hermenêutica crítica capaz de objetivar as camadas culturais mais profundas das civilizações através de uma análise antropológica comparativa da Europa, do Brasil e da Índia. Esta hermenêutica profunda (*Tiefenhermeneutik*) não teria apenas de operar uma delicada síntese teórica de tradições que são normalmente vistas como discordantes, nomeadamente, a hermenêutica (especialmente Gadamer e Ricoeur) e o pós-estruturalismo (especialmente Lévi-Strauss, Foucault e Bourdieu) – a primeira analisando formações simbólicas da perspectiva do participante e a segunda objetivando as estruturas culturais da perspectiva do observador - mas também, ao fazê-lo, buscaria superar a oposição entre a antropologia filosófica e a antropologia cultural – a primeira procurando por universais a partir de uma perspectiva humanista, enquanto a última (pelo menos, nas versões atualmente hegemônicas) relativiza os universais e nega a existência de uma essência transcultural. O resultado deste delicado exercício de “hermenêutica estruturalista” em uma terra estrangeira deveria ser uma hermenêutica humanista na terceira pessoa do plural, a qual busca revelar não apenas aquilo que todas as culturas têm em comum, mas também indicar a incomensurabilidade relativa de suas *Weltanschauungen*.**

**Segunda linha: Teoria social - as novas correntes da sociologia mundial**

**O problema com a teoria social contemporânea é duplo: de um lado, ela está muito mal definida; de outro, o entendimento da história contemporânea tem ficado atrelado às problemáticas dos anos 80-90. Penso, mais particularmente, na versão ortodoxa da história da disciplina, contada por Anthony Giddens (agência e estrutura) e Jeffrey Alexander (o ‘novo movimento teórico’). O problema com esta maneira de contar a história que estrutura a maior parte dos cursos de teoria sociológica neste país e alhures não é só que ela é conservadora e repetitiva, mas que ela está completamente defasada e não permite entender o que está acontecendo na teoria social. Não adianta contar a história da sociologia pós-parsoniana, micro-macro e as novas sínteses se, depois da sociologia neoclássica, não se sabe mais onde colocar Boltanski, Honneth, Butler e o pós-colonialismo, para citar alguns exemplos tirados de programas de cursos.**

**A linha de pesquisa sobre as novas correntes pretende levar a cabo uma reconstrução sistemática da teoria social contemporânea. A partir de uma reflexão metateórica acerca dos seus fundamentos filosóficos, ele pretende mapear as principais constelações transnacionais na sociologia mundial e apresentar as tendências mais recentes nas grandes tradições da sociologia francesa, alemã, inglesa e estadunidense. (Abro um parêntese: Não excluo de jeito nenhum a sociologia brasileira ou indiana, mas, confesso que isso não é o meu forte. Uso o Brasil e a India não só para expor os limites das teorias euro-americanas, mas para forçar a reflexão sobre o país onde vivo. Faço teoria no Brasil como faço teoria na França. Não faço teoria do Brasil ou da França, mas penso muito mais sobre o Brasil do que a França). No decorrer dos anos, explorei várias maneiras para entender a lógica da teoria sociológica e utilizei várias narrativas para mapear a teoria. Na ciência como na navegação, a cartografia é essencial para poder traçar os rumos.**

**1) A era dos epígonos**

**A ideia-guia é a de que a teoria social entrou na era dos epígonos. Na França, os desenvolvimentos mais importantes são pós ou anti-Bourdieusianos. A maior parte dos protagonistas (Passeron, Debray, Boltanski, Thévenot, Latour, Dubet, Heinich, Caillé), alguns deles ex-colaboradores de Bourdieu, desenvolveu seu trabalho em uma posição de confronto explícito com sua vertente de sociologia crítica.** Se a França é pós-bourdieusiana, o Reino Unido é pós-giddensiano (Bhaskar, Archer, Rose, Delanty, Thrift, Crossley). O debate ali é mais centrado na epistemologia (realismo vs. nominalismo) e na discussão sobre a modernidade tardia ou, talvez melhor, já que o tempo não para, a pós-modernidade tardia. A Alemanha é pós-Habermasiana (Honneth, Joas, Beck, Forst) ou pós-Luhmanniana (Stihweh, Willke, Kieserling, Nassehi). Lá, a questão é como articular (ou desarticular) fundamentos filosóficos, teoria sociológica e diagnóstico do tempo numa teoria crítica da sociedade e, de maneira auto-reflexiva, de seus teóricos. Nos Estados Unidos, os teóricos da cultura (Alexander, Lamont, Swidler) e das práticas (Collins, Rawls, Glaeser) ainda estão tentando lidar com o legado de Parsons, Garfinkel e Goffman.

**2) Humanismo/anti-humanismo/pós-humanismo**

**Reorganizando o mesmo material a partir de um corte transversal, podemos distinguir várias nebulosas transnacionais e ordená-las num contínuo que vai do humanismo, via pós-estruturalismo, ao pós-humanismo: a fração da ação (Lahire, Archer, Caillé, etc.), o situacionismo radical (A. Rawls, Joas, Collins, etc.), a teoria critica (Honneth, Boltanski, Benhabib, etc.), o marxismo estrutural (Wallerstein, Harvey), a estrutura da cultura (Alexander, Lamont), o marxismo cultural (S. Hall, Laclau, Butler, Zizek), o póscolonialismo (Fanon, Bhabha, Said, Chatterjee), o deleuzo-foucauldismo (Agamben, Rose, Negri, Lazzarato) e o pós-humanismo (Latour, da Landa, Luhmann).**

**3) Bourdieu, o *hegemon***

**Em *Além do habitus: Teoria social pós-bourdieusiana*, trabalhei com a hipótese que Bourdieu é o *hegemon*. O que Parsons representava nos anos 40-50, ele representa hoje para nós. Numa tentativa de rever a narração herdada de Alexander, substituo Parsons por Bourdieu e mostro que “Pensar com Bourdieu contra Bourdieu” (Passeron) virou, de fato, a fórmula do progresso da teoria. Isto vale não só para o desenvolvimento da sociologia francesa (cf. supra), mas também para a sociologia mundial (Archer, Honneth, Butler, Alexander, Cicourel, Lamont, Brubaker, Calhoun, Steinmetz, Emirbayer, Miller). Poderemos mostrar que todos, sem exceção, trabalharam diretamente com ele (Boltanski, Archer, Honneth), escreveram sobre ele (Calhoun, Brubaker, Butler) ou contra ele (Latour, Caillé) ou se inspiram nele para construir a sua própria teoria (Lahire, Steinmetz, Emirbayer).**

**4) Os pós-bourdieusianos, sociologias paradigmáticas e as viradas**

**Além das teorias sociológicas contemporâneas que se inspiram diretamente na teoria do mundo social de Bourdieu e que, como afirmo, abarcam em torno de 60 % das teorias atuais, temos visto a emergência de sociologias temáticas com ambições paradigmáticas. Não praticam a *grand theory*. São teorias de médio alcance que escolheram um tema (a cultura, moralidade, a relação, os mecanismos causais) e que tentam aglutinar várias abordagens num rotulo único: sociologia cultural, moral, relacional, analítica etc., com a intenção de sistematizar o material e chegar à formulação de um paradigma. Fora da sociologia, no seu entorno, encontramos os “Estudos” e as “viradas”. São abordagens que refletem sobre o social, mas sem referência à sociologia. A proposta das viradas é antiparadigmática. Não se trata de formar um paradigma, mas de acelerar a inovação, propondo uma virada (por exemplo, as viradas linguística, simbólica, interpretativa, pratica, icônica, performativa, materialista, ontológica etc.) para, imediatamente depois, radicalizar a proposta e introduzir uma nova revolução. E depois das viradas? Vieram as guerras (“guerras da cultura”, “da ciência” etc.).**

**Projeto de pesquisa: A sociologia relacional**

**Com François Dépelteau (Laurentian University, Canada)**

A sociologia relacional propõe um novo paradigma que pretende analisar a sociedade além da lógica substantiva e categórica de origem aristotélica. Ela estipula que no início está a relação e na relação está o início. Tendo trabalhado e publicado bastante sobre o relacionismo nas obras de Georg Simmel, Ernst Cassirer e Pierre Bourdieu, tive a sorte de ser convidado por Francois Dépelteau, coordenador da *Relational Sociology Network*, para participar do *Handbook of relational sociology*. Comecei a estudar a produção da sociologia relacional e descobri, com empolgação, que o novo paradigma me permitiria sistematizar e integrar vários dos meus interesses num só quadro analítico. A partir de uma reflexão metateórica que incorpora o realismo crítico (Bhaskar, Archer e Bourdieu), a hermenêutica intercultural (Gadamer, Alexander) e a antropologia da intersubjetividade (Simmel, Mauss Habermas), cheguei à conclusão de que toda teoria social deve incorporar um conceito de estrutura social, cultura e prática em um único sistema. Operando num nível de abstração menor, a sociologia relacional pode ser explorada como síntese de uma teoria estruturalista dos campos e uma teoria pragmatista da relação inter-humana, integradas num quadro multidimensional por uma teoria hermenêutica que concilia a cultura com as práticas simbólicas. Para ser plenamente compatível com a proposta relacional, esta teoria tem de ser estrutural, figuracional, processual e simbólica.

**Terceira linha: Teoria Sociológica – por uma sociologia neoclássica.**

**“Globalização” é um termo “guarda-chuva”. Ainda que se refira predominantemente a uma “mudança de escala” global que é, sem dúvida, impulsionada pelas reestruturações no reino da economia, é importante não reduzir a globalização à sua dimensão econômica e adotar, ao invés disso, uma abordagem interdisciplinar que seja capaz de levar em consideração não apenas a dimensão econômica, mas também as dimensões social, cultural, política, tecnológica, ecológica e legal da acelerada “compressão espaço-temporal” que estamos presenciando hoje. Como um slogan do nosso tempo, a palavra não se refere apenas às transformações econômicas ao redor do globo, mas à conjunção e integração das revoluções econômica, digital e biotecnológica em uma única revolução, a qual está impulsionando uma verdadeira mudança civilizacional. Juntas, estas três revoluções simultâneas estão transformando radicalmente os parâmetros da existência humana e, se não controladas, podem colocar até mesmo a sobrevivência da humanidade em risco.**

**Ocupada com as tendências correntes desses desenvolvimentos, esta parte do projeto de pesquisa possui uma dimensão teórica, uma dimensão metodológica e uma dimensão prática. Teoricamente, ele busca refletir criticamente a respeito das atuais transformações das “tecnociências” e analisar como as novas tecnologias (nano-bio-ciber) estão estabelecendo uma nova sinergia com o capitalismo global, transformando não apenas as economias e tecnologias no processo, mas também os seres humanos a quem estas deveriam servir. Numa tentativa de atualizar as antigas teorias da reificação, alienação e racionalização do mundo da vida, explorei os desafios antropológicos do biocapitalismo.**

**A nossa hipótese é a que estamos no limiar de uma nova civilização. A modernidade tardia acabou. Desde 2008, se não antes, o mundo entrou numa crise civilizacional e, quem sabe, até mesmo existencial. Como disciplina do século XX, a sociologia não está bem preparada para pensar a ontologia do presente. Às vezes, temos a impressão de que as nossas teorias e os nossos conceitos eram válidos apenas até 2008 e que estamos avançando no escuro. Está na hora de questionar o legado da sociologia e de desenvolver uma sociologia geral do presente – o que chamei num livro, escrito com Alain Caillé, de “sociologia neoclássica” – a partir de uma nova síntese da antropologia, da sociologia, dos Estudos e da filosofia política.**

**Quarta linha: A sociologia como filosofia prática**

**Durante muitos anos, trabalhei em um instituto universitário de Estudos Humanistas na Holanda (www.uvh.nl). Ainda mantenho vínculos com esta pequena e experimental instituição, na condição de pesquisador sênior (sem salário), e considero-me um teórico e praticante da humanística. A humanística é uma disciplina normativa, empírica e aplicada. Ela consiste no estudo acadêmico de questões de sentido - isto é, de questões existenciais e interculturais relativas ao significado da vida -, e pretende contribuir com processos de humanização da sociedade, ou seja, com processos sociais que busquem aplacar o sofrimento e criar as condições para a realização humana. Tradições humanistas são, para ela, uma importante fonte de inspiração, assim como o são também os *insights* da filosofia e da ética, das ciências sociais e culturais, dos estudos religiosos e da teoria da ciência.**

**A sociologia do espírito (no sentido de *Geist*, não de *Mind*) propõe-se, enquanto teoria e prática humanística, uma reflexão normativa sobre as bases “espirituais” da civilização. Através de uma investigação sistemática de alguns autores clássicos na tradição das *Geisteswissenschaften*, ela oferece uma análise sociológica de tópicos que estão, de certa forma, relacionados com a religião (como Deus, o espírito, a alma, a conversão), mas busca reformulá-los em linguagem secular. Enquanto parte desta linha de pesquisa, temos uma reconstrução sistemática e um diálogo com o positivismo de Auguste Comte, com a sociologia da religião de Georg Simmel, com a fenomenologia dos valores materiais de Max Scheler, com a antropologia da dádiva de Marcel Mauss, com a teoria antiutilitarista da ação de Alain Caillé e, enfim, com as reflexões sobre a “metarrealidade” de Roy Bhaskar e a filosofia integral de Ken Wilber.**

Projeto de pesquisa: O convivialismo

Com Alain Caillé et al.

**“Como podemos viver juntos sem se massacrar? ” (M. Mauss) - essa é a questão na qual eu e quarenta intelectuais franceses** (Alain Caillé, Edgar Morin, Chantal Mouffe, Jean-Claude Guillebaud, Jean-Pierre Dupuy, Yann Moulier-Boutang, entre outros) **trabalhamos durante um ano. Como resposta, propusemos uma base doutrinal sintética que procura não somente integrar o melhor das religiões universais e do Esclarecimento, mas também superar, ainda que de modo um pouco retórico, o liberalismo, o socialismo, o comunismo e o anarquismo. Chamamos essa nova doutrina de “Convivialismo”, e afirmamos que ela é a filosofia política implícita comum de tantas iniciativas (*Occupy*, *P2P*, *Commons*, *Transition* *Towns* etc.) que já estão pensando ou construindo esse outro mundo. A ideia central da reflexão comum é bem simples: um outro mundo não somente é possível, mas também necessário e urgente. A situação é crítica. A humanidade se vê confrontada com riscos que colocam a sobrevivência da espécie em cheque. Em vez de uma paráfrase, ofereço alguns trechos da tradução portuguesa do *Manifesto convivialista* que coordenei (2013- versão ampliada em 2016 com uma longe entrevista com Alain Caillé e 20 comentários de intelectuais brasileiros):**

**Resumo do Manifesto convivialista**

A única ordem social legítima universalizável é aquela que se inspira em um princípio de comum humanidade, de comum socialidade, de individuação e de oposição ordenada e criadora.

Princípio de comum humanidade: acima das diferenças de cor de pele, de nacionalidade, de língua, de cultura, de religião ou de riqueza, de sexo ou de orientação sexual, há somente uma humanidade, que deve ser respeitada na pessoa de cada um de seus membros.

Princípio de comum socialidade: os seres humanos são seres sociais para quem a maior riqueza existente é a riqueza de suas relações sociais.

Princípio de individuação: em conformidade com os dois primeiros princípios, a política legítima é aquela que permite a cada um afirmar da melhor maneira sua individualidade singular em devir, desenvolvendo sua potência de ser e de agir sem prejudicar a dos outros.

Princípio de oposição ordenada e criadora: porque todos têm vocação para manifestar sua individualidade singular, é natural que os humanos possam se opor. Mas só é legítimo fazê-lo enquanto isso não coloca em risco o plano da comum socialidade que torna essa rivalidade fecunda e não destrutiva.

Desses princípios gerais decorrem:

Considerações morais

O que é permitido a cada indivíduo esperar é o reconhecimento de sua igual dignidade para com todos os outros seres humanos, é ter acesso a condições materiais suficientes para levar a cabo sua concepção de vida boa, respeitando as concepções dos outros

O que lhe é proibido é cair em desmedida (a *hubris* dos Gregos), *i.e.* violar o princípio de comum humanidade e por em perigo a comum socialidade

Concretamente, é dever de cada um lutar contra a corrupção.

Considerações politicas

Na perspectiva convivialista, um Estado, ou um governo, ou uma instituição política nova só podem ser tidos como legítimos se:

- Respeitam os quatro princípios de comum humanidade, de comum socialidade, de individuação e de oposição ordenada, e se facilitam a realização das considerações morais, ecológicas e econômicas que deles decorrem; Mais especificamente, Estados legítimos garantem a todos seus cidadãos mais pobres um mínimo de recursos, uma renda básica, seja lá qual for sua forma, que os protege da abjeção da miséria, bem como impedem progressivamente aos mais ricos, *via* instauração de uma renda máxima, de cair na abjeção da extrema riqueza, ultrapassando um nível que tornaria inoperantes os princípios de comum humanidade e de comum socialidade.

Considerações ecológicas

O Homem não pode mais se considerar como dono e senhor da Natureza. Tendo em conta que longe de se opor a ela, ele faz parte dela, ele deve estabelecer com a Natureza, ao menos metaforicamente, uma relação de dom/contra-dom. Para legar às gerações futuras um patrimônio natural preservado, ele deve assim devolver à Natureza tanto ou mais do que dela toma ou recebe.

Considerações econômicas

Não há correlação comprovada entre riqueza monetária ou material, de um lado, e felicidade ou bem-estar, de outro. O estado ecológico do planeta torna necessário buscar todas as formas possíveis de prosperidade sem crescimento. É necessário para isso, em uma perspectiva de economia plural, instaurar um equilíbrio entre Mercado, economia pública e economia de tipo associativo (social e solidária), dependendo se os bens ou os serviços a serem produzidos são individuais, coletivos ou comuns.

Projeto de pesquisa: A revista *Inter pares*

Equipe local: Thaïs Aguiar, Lidiane Carvalho, Bia Martins, Julia Stadler e Frédéric Vandenberghe.

Com Michel Bauwens, Christian Felber, Alain Caillé et al.

Junto com algumas amigas do Rio de Janeiro, vamos lançar em 2018 uma nova revista, dedicada à promoção de formas de vida pós-capitalistas. O nome da revista é *Inter Pares*. A infraestrutura (o site, a plataforma na UERJ, o design etc.) já está pronta e já temos uma Chamada também:

**Chamada aos convictos**

Isto não é um manifesto, mas uma chamada aos companheiros dispostos a ouvir e que já estejam antenados às vozes que clamam por um novo mundo. Este outro mundo não é apenas possível; ele é atual e já existe. Milhões de pessoas ao redor do mundo já estão vivendo uma existência pós-capitalista. Não sozinhas, mas em conjunto. Através do compartilhamento e da cooperação, em solidariedade uns com os outros. Como militantes existenciais, eles estão para além do dinheiro e do poder. Eles sabem que o sentido da vida não pode ser comprado ou imposto. Ele tem de ser ativamente procurado, e, ainda assim, não há garantia de que a eudaimonia será encontrada. Nossas vidas são frágeis, e, ao compartilharmos nossa fragilidade, cientes de nossa finitude e da finitude do planeta, podemos ser fortes e construir outro mundo. Para além do estado e do mercado. Na verdade, por debaixo da sociedade civil ou acima dela, no espaço virtual. Os dois não estão desconectados, pois os vínculos que exploramos *online* são pré-figurações dos mundos que inventamos *offline*. O que importa é a intenção e a intensidade dos projetos comunais. Sozinhos, eles podem não contar muito, mas juntos eles esboçam uma genuína alternativa societal.

Isto não é um blog nem uma revista acadêmica no estilo clássico. É algo no meio do caminho. Como uma revista nova, poliglota, multidisciplinar e internacional, *Inter Pares* é uma publicação experimental dedicada à conceituação, exploração e ilustração de projetos societais de quaisquer tipos que estejam conectados à produção e ao governo entre pares, ao projeto dos *commons*, ao movimento convivialista, à economia solidária, à economia do bem comum, à ciência aberta e iniciativas afins. A lista é aberta. Qualquer iniciativa que seja construtiva e procure contribuir à reconstrução da sociedade será bem-vinda. “A gente se reconhecerá”. Abriremos nossa publicação para ativistas, acadêmicos e *hackers* acadêmicos, jovens e velhos, bem estabelecidos ou aspirantes, desde que compartilhem o espírito convivialista do comum e o fortaleçam. Acolhemos toda espécie de textos (ensaios, manifestos, tratados, teses, fotomontagens, etnografias etc.) da filosofia, das ciências sociais e políticas, da comunicação e do jornalismo, da economia heterodoxa e – por que não? – até da poesia.

Estamos baseados no Brasil, mas somos cosmopolitas e transuniversais. Publicaremos textos em múltiplas línguas. Inglês, francês, alemão, português e espanhol. Faremos questão de que nossa publicação seja disponível para qualquer pessoa que tenha uma conexão com a Internet. Utilizaremos plataformas abertas, transparentes e democráticas, e experimentaremos formatos alternativos e cooperativos de revisão por pares. Abriremos o conselho editorial e seremos tão inclusivos quanto possível. Também garantiremos que aqueles que publicam conosco terão suas produções validadas, mas apenas para melhor subvertermos o produtivismo reinante na academia. Não há por que lutar contra o capitalismo se for para competir na academia. Somos *inter pares*, iguais entre iguais e companheiros, por isso podemos cooperar e trabalhar juntos pelo bem comum em casa e no trabalho, nas nossas comunidades e na sociedade, e na Internet.

Consideramos a revista como uma revista de revistas. Uma revista dos movimentos dos movimentos. Para viabilizar o projeto, convidaremos editores oriundos dos movimentos para compor um numero especial. Lançaremos o primeiro número em janeiro 2018.

Eis o programa (por enquanto, só o primeiro e o terceiro numero estão confirmados).

No. 1: P2P (Peer-to-peer)

Guest editor: Michel Bauwens e P2P Foundation

No. 2: Commons

Guest editor: David Bollier

No. 3: Gemeinwohl**-**Ökonomie/Economy of the Common good

Guest editors: Christian Felber e Fernando Suárez-Müller

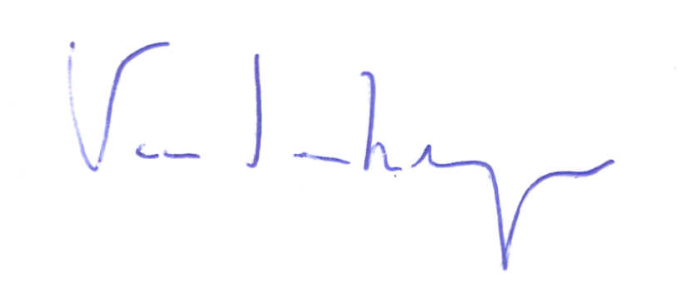
No. 4: Convivialism

Guest editor: Frank Adloff

No.5: Open Science?

No. 6: Décroissance/Post-development?

Agradeço aos membros da banca de seleçao pela atenção. Nos vemos em breve.



Frédéric Vandenberghe